

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
SIDNÉIA DO SOCORRO MARQUES BARRA

O PERFIL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL
DAS ÁGUAS LINDAS – ANANINDEUA – PARÁ

Taubaté - SP
2010

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

**O PERFIL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL
DAS ÁGUAS LINDAS – ANANINDEUA – PARÁ**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre pelo Curso de Ciências Ambientais do Departamento de Ciências Agrárias da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Ciências Ambientais

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fortes Neto

Taubaté-SP

2010

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBI – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

B268o Barra, Sidnéia do Socorro Marques
O perfil dos catadores de material reciclável das Águas Lindas –
Ananindeua - Pará / Sidnéia do Socorro Marques Barra. - 2010.
67 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Programa de Pós-
graduação em Ciências Ambientais, 2010.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Fortes Neto, Departamento de Ciências
Agrárias.

1. Associação. 2. Catadores. 3. Perfil. I. Título.

SIDNÉIA DO SOCORRO MARQUES BARRA**O PERFIL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL
DAS ÁGUAS LINDAS – ANANINDEUA – PARÁ.**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre pelo Curso de Ciências Ambientais do Departamento de Ciências Agrárias da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Ciências Ambientais

Data: 02/12/2010

Resultado: APROVADA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Fortes Neto

Assinatura_____

Universidade de Taubaté – Programa de

Pós Graduação em Ciências Ambientais

Prof. Dr^a . Mariko Ueno

Assinatura_____

Universidade de Taubaté – Programa de

Pós Graduação em Ciências Ambientais

Prof. Dr. Messias Borges Silva

Assinatura_____

FAENQUIL - Faculdade de Engenharia

Química de Lorena/Dep. Eng. Química

A meu marido Paulo, meus filhos Paulinho, Cristina, Débora e Camila, minha nora Rose e a meu neto Lucas, por todo o apoio e fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, essa força superior que me ajudou principalmente nos momentos mais difíceis desta árdua caminhada.

Aos meus queridos pais **Raimundo** e **Nadir** (*in memoriam*), os quais me ensinaram que na vida é preciso ter educação e determinação.

Ao **Prof. Fernando Almeida**, meu amigo e ex-colega de trabalho, que muito contribuiu para o desenvolvimento da minha dissertação de Mestrado.

A meu orientador, **Prof. Dr. Paulo Fortes Neto**, por ter acreditado em meu trabalho desde o momento em que me escolheu como orientanda.

Ao **Prof. Dr. Marcelo Targa**, coordenador do programa, e aos professores que ministraram aulas em nosso Curso que deram suporte para a elaboração desta dissertação.

A minha banca de qualificação, **Professoras Doutoras Ana Aparecida e Mariko Ueno**, pelas competentes críticas que me fizeram amadurecer.

A **Profª. Edilza Corrêa**, Diretora do Departamento de Educação da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua, por ter contribuído para a concessão da licença curso.

A **Profª. Sebastiana Pantoja**, diretora da Escola Estadual “Almirante João Farias de Lima”, por ter me apoiado durante o percurso do Mestrado.

Às professoras Creusa Barbosa Santos, Socorro Fernandes pelo apoio durante minha jornada.

Aos colegas da Turma XVII do Curso de Mestrado em Ciências Ambientais pelo companheirismo e em especial a Fátima, Sílvia, Roseana, Ana Alice, Telma e Leomaris por toda a força durante o Curso.

Ao Sr. Marcelo, Presidente da Associação dos Recicladores das Águas Lindas, por ter autorizado a realização da pesquisa.

A Carla Oliveira pelas informações cedidas que deram suporte a minha pesquisa.

Aos catadores de material reciclável da Associação dos Recicladores das Águas Lindas (ARAL) sujeitos desta pesquisa, por terem concordado em responder os questionários.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este estudo se tornasse realidade.

RESUMO

Este estudo foi realizado com o objetivo de analisar o perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável organizados em uma associação situada na região metropolitana da grande Belém, Pará. A metodologia baseia-se em uma pesquisa quanti-qualitativa, mediante questionários relevantes sobre categorias que contribuíram para a caracterização do perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável. Este estudo teve como local de pesquisa a Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL), situada no Município de Ananindeua, região metropolitana de Belém, Estado do Pará. Com essa pesquisa, foi possível constatar que o perfil dos catadores de material reciclável da ARAL caracteriza-se por profissionais que trabalham o dia inteiro; tem um baixo nível de escolaridade; recolhem em sua maioria papelão e papel, que são comercializados fora do bairro em que está situada a ARAL; sua renda média é baixa; apesar disso, ainda conseguem ser o chefe de família; e a maioria possui casa própria, sendo proprietários de fato, mas não de direito. A relevância deste estudo refere-se ao fato de que os catadores de material reciclável possuem uma grande importância junto à sociedade. Eles realizam um trabalho de limpeza urbana, colaboram para a economia dos recursos naturais, no instante em que dela procuram fazer parte, além de estarem integrados pelo trabalho, haja vista que estão excluídos da possibilidade de trabalho formal com renda adequada para uma qualidade mínima de vida.

Palavras-chave: Perfil. Catadores. Associação.

ABSTRACT

This research was realized with the objective of analyze the dustman's profile of recycle material that are organized in an association situated on *Belém-PA* metropolis. The methods were based on a research quantitative qualitative, through relevant questionnaires about categories that contributed for the analyze the dustman's profile of recycle material characterization. This study had as place of reaserch the *Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL)*, located on the municipality of *Ananindeua*, inside *Belém* metropolis, *Pará* state. With this research, it was possible to state that the dustman's profile of recycle material of ARAL caraterized by professionals that worked all day; they have a low level of learning; they colected in major cardboard and plastic, that are comercialized out of the neighborhood situated at ARAL; their avarage income is low; besides, they get to be the family's owner; and the major have house themselves, being, in fact, owners, but not in law. The relevance of this research makes reference to the fact that the dustman's profile of recycle material have a great importance with the society.They realize a work of urban clean, colaborate to the economy of natural resources, since they try to make part of that, besides they are incorporated by the work, considering they are excluded of the possibility of a formal job with adequated income for a minimum life quality.

Keywords: Profile. Dustman. Association.

LISTA DE FIGURAS

| FIGURA | PÁGINA |
|--|--------|
| Figura 01 – Mapa da Região Metropolitana de Belém..... | 33 |
| Figura 02 – Mapa das Áreas do Município de Ananindeua | 34 |
| Figura 03 – Mapa da Região das Águas Lindas – Ananindeua –PA..... | 35 |
| Figura 04 – Processo de coleta e transporte de material reciclável pelos catadores da ARAL | 38 |
| Figura 05 – Catadoras da ARAL realizando a triagem do material reciclável..... | 38 |
| Figura 06 – Papelão recolhido por catadores da ARAL..... | 43 |
| Figura 07 – Contêiner da Riopel, compradora do papel recolhido pelos catadores da ARAL | 43 |
| Figura 08 – Plástico recolhido pelos catadores da ARAL..... | 44 |
| Figura 09 – Moradias dos trabalhadores da ARAL..... | 55 |

LISTA DE TABELAS

| TABELA | PÁGINA |
|---|--------|
| Tabela 01 – Distribuição de cargos dos trabalhadores da ARAL..... | 37 |
| Tabela 02 – Turno de trabalho dos catadores da ARAL | 40 |
| Tabela 03 – Nível de escolaridade dos trabalhadores da ARAL..... | 41 |
| Tabela 04 – Material recolhido pelos trabalhadores da ARAL | 42 |
| Tabela 05 – Local de venda do material coletado pelos trabalhadores da ARAL..... | 47 |
| Tabela 06 – Renda dos trabalhadores da ARAL | 50 |
| Tabela 07 – Chefe de família dos trabalhadores da ARAL..... | 53 |
| Tabela 08 – Número de pessoas da família dos trabalhadores da ARAL que exercem trabalho remunerado complementar | 54 |
| Tabela 09 – Situação de moradia dos trabalhadores da ARAL..... | 55 |

LISTA DE QUADROS

| TABELA | PÁGINA |
|--|--------|
| Quadro 1: Número de municípios brasileiros que passaram a realizar coleta seletiva | 28 |
| Quadro 2. Preço do material comercializado no mês de novembro/2009 | 48 |
| Quadro 3. Quantidade de materiais vendidos no mês de novembro/2009 | 52 |

LISTA DE SIGLAS

ABETRE – Associação Brasileira de Empresas de Tratamento, Recuperação e Disposição de Resíduos Especiais

APA – Área de Preservação Ambiental de Belém

ARAL – Associação de Recicladores das Águas Lindas

BNH – Banco Nacional de Habitação

CBO – Código Brasileiro de Ocupação

CIUO – Classificação Internacional Uniforme de Ocupações

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa da Amazônia Oriental

CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem

FARRGS – Federação das Associações dos Recicladores de Resíduos Sólidos do Rio Grande do Sul

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPT – Instituto de Pesquisa Tecnológica

MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável

MPE – Ministério Público Estadual

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONGs – Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

PEA – População Economicamente Ativa

RJ – Rio de Janeiro

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 OBJETIVO | 15 |
| 2 REVISÃO DA LITERATURA | 16 |
| 2.1 A OCUPAÇÃO DE CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL..... | 16 |
| 2.2 A IMPORTÂNCIA DO CATADOR NA SOCIEDADE..... | 17 |
| 2.3 O TRABALHO DO CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL | 20 |
| 2.4 ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL | 22 |
| 2.4.1 A Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL)..... | 26 |
| 2.5 COLETA SELETIVA E RECICLAGEM..... | 27 |
| 2.6 COMERCIALIZAÇÃO DE MATERIAL RECICLÁVEL..... | 30 |
| 3 MATERIAL E MÉTODOS | 33 |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO | 33 |
| 3.1.1 Bairro de Águas Lindas..... | 35 |
| 3.2 TIPO DE PESQUISA..... | 36 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 37 |
| 4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL | 37 |
| 4.1.1 Distribuição de Cargos | 37 |
| 4.1.2 Turno de Trabalho | 40 |
| 4.1.3 Nível de Escolaridade | 41 |
| 4.1.4 Caracterização do Material Recolhido | 42 |
| 4.1.5 Comercialização do Material Reciclável..... | 46 |
| 4.1.6 Renda | 50 |
| 4.1.6 a) Chefe De Família | 53 |
| 4.1.6 b) Pessoas da Família que exercem Trabalho Remunerado Complementar | 54 |
| 4.1.7 Situação de Moradia..... | 55 |
| 5 CONCLUSÃO..... | 57 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. | 58 |
| APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 63 |
| APÊNDICE B – Questionário aplicado para os trabalhadores da Associação de Recicladores das Águas Lindas..... | 65 |
| ANEXO – Declaração do Comitê de Ética | 67 |

1. INTRODUÇÃO

O trabalho dos catadores de material reciclável é um exemplo de como os movimentos populares sempre estão em busca das transformações sociais civilizatórias, trabalhando para elevar, gradativamente, a história da convivência humana a patamares superiores. Foi assim que por meio de organização e da reivindicação dos trabalhadores no século XIX e XX, o capitalismo em alguns países europeus teve de abrir espaço para a construção das sociais-democracias, baseadas em modelos do Estado de Bem-Estar Social universais, abrangentes e garantidores de direitos.

Em nosso país, a partir da década de 1930, os movimentos trabalhistas conquistaram a incorporação de direitos como o salário mínimo, as férias remuneradas e a limitação da jornada de trabalho. Nas décadas de 1970 e 1980, os movimentos sociais tiveram papel importante na redemocratização do País e na luta contra a ditadura. Os movimentos populares também tiveram papel fundamental na defesa dos direitos que foram integrados à Constituição Federal de 1988, que completa atualmente 22 anos de promulgação.

Ao propor um novo modelo de utilização dos recursos naturais, os catadores unem as diversas dimensões do movimento: econômico, pela geração de trabalho e renda; social, pela inclusão e emancipação das pessoas; política, pela conscientização do papel de cada um na cidadania; ambiental, pela utilização responsável dos recursos limitados e finitos que estão disponíveis no planeta. Assim, os catadores de material reciclável, junto com diversos segmentos de tradição socioambiental, estão na fronteira da defesa dos direitos baseados num modelo de desenvolvimento integral.

Essa é uma discussão oportuna, pois sabe-se que alguns segmentos questionam o modelo que reúne o desenvolvimento social ao ambiental, sugerindo que grandes empresas poderiam prestar o serviço de coleta e até mesmo de processamento de resíduos recicláveis com mais eficiência do que os catadores e suas cooperativas e associações. No entanto, por se manter restrito ao campo da eficiência operacional, esse argumento é falacioso porque deixa de considerar as implicações maiores do modelo socioambiental sobre a vida nas cidades.

É preciso, portanto, deixar claro que as políticas socioambientais com a participação dos catadores representam uma aplicação muito mais eficiente de recursos públicos, uma vez que associam a coleta e a destinação adequadas do material reciclável com um mecanismo eficaz de inclusão social e de valorização do desenvolvimento humano. Assim, a preferência dada à estruturação da cadeia produtiva com os catadores possibilita a geração de trabalho,

renda e inclusão social, com respeito ao meio ambiente, com benefícios para todos e com o devido destaque para o maior valor que qualquer sociedade pode possuir: a vida, em toda a sua plenitude.

Neste sentido, considera-se que a sociedade contemporânea ainda tem muito a avançar na construção de um modelo de desenvolvimento integral, particularmente no enfrentamento da lógica insustentável do modelo capitalista de acumulação crescente e, na maioria das vezes, concentrador. Para que se possa replicar a experiência do desenvolvimento integrado que vem sendo obtida pelos catadores de material reciclável, é preciso estudar, entender e divulgar cada vez mais o conhecimento sobre fenômenos de interseção entre o econômico, o social e o ambiental. Portanto, esta pesquisa oferece contribuições embasadas em artigos científicos, com o objetivo de analisar o perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável organizados em uma associação situada na região metropolitana de Belém, Pará.

Para atingir o objetivo desta pesquisa, propõe-se a seguinte hipótese: o perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável é caracterizado pelas atividades desenvolvidas na associação, o que exerce influência direta na sua qualidade de vida: renda, situação de moradia e nível de escolaridade.

A relevância deste estudo refere-se ao fato de que os catadores de material reciclável possuem importância junto à sociedade. Eles realizam um trabalho de limpeza urbana, colaboram para a economia dos recursos naturais (fontes de energia e matérias-primas), no instante em que dela procuram fazer parte, além de estarem integrados pelo trabalho, haja vista que estão excluídos da possibilidade de trabalho formal com renda adequada para uma qualidade mínima de vida.

1.1 OBJETIVO

Analisar o perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável organizados em uma associação situada no Bairro de Águas Lindas, Município de Ananindeua, Estado do Pará.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A OCUPAÇÃO DE CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL

Segundo Siqueira e Moraes (2008), o modelo de consumo adotado pela sociedade contemporânea acarreta o esgotamento dos recursos naturais, o agravamento da pobreza e do desequilíbrio, porque pautado na acumulação e no desperdício. Surge daí a expressão “descartável”, que passou a ser utilizado sem muito controle, desencadeando dois processos: de um lado, a quantidade e a qualidade dos resíduos gerados e, por outro lado, frente às políticas econômicas e sociais, uma massa de excluídos, que passando a se beneficiar dessa geração, que é a população de catadores de material reciclável. Os indivíduos que vivem de coleta de material reciclável, entendida como meio de sobrevivência e de obtenção de renda, ainda são pouco estudados por todas as áreas de conhecimento.

De acordo com as referidas autoras, a temática do perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável apresenta relevância social a partir do elevado número de pessoas que exerce tal ocupação em todo o país. Conforme a pesquisa de Siqueira e Moraes (2008), em 2006, o Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável (MNCR) aponta para um número de aproximadamente oitocentos mil catadores, organizados em cooperativas ou associações, demonstrando a legitimidade da atividade.

Embora a catação seja tal como a atividade de vendedor ambulante, realizada informalmente, a partir da década de 1980, os catadores começaram a se organizar em cooperativas ou associações, na busca pelo reconhecimento dessa atividade como profissão. Nos anos de 1990, com o apoio de instituições não governamentais, foram promovidos encontros e reuniões em vários locais do país com essa finalidade. E o ano de 2001 culminou com a realização do "1º Congresso Nacional de Catadores de Material Reciclável e a 1ª Marcha da População de Rua" (MAGERA, 2003, p.105).

Sobre a questão da ocupação de catador, Crivellari *et al* (2008) consideram que muitas vezes o catador já teve outras ocupações, trabalhou com carteira assinada e estaria, agora, na catação ou por desalento, após longo tempo desempregado, ou pela maior flexibilidade e autonomia que permite o trabalho nas ruas. Outro estudo destes autores também mostra que 57% dos catadores da rede já tiveram carteira assinada. Esse tipo de informações pode, hoje,

ser acompanhado por meio das bases públicas de dados, de acordo com o Código Brasileiro de Ocupações (CBO).

Segundo Crivellari *et al* (2008), os catadores foram formalmente reconhecidos na CBO, sob o número 5192, com a denominação *Catador de material reciclável*, significando que essa ocupação passa a ter visibilidade pública, traduzida pelas estatísticas governamentais. A CBO resulta de convênio entre o Brasil e a Organização das Nações Unidas (ONU), por intermédio da Organização Internacional do Trabalho (OIT), tendo como base a Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO) de 1968. A CBO é ferramenta fundamental para as estatísticas de emprego-desemprego, para o estudo das taxas de natalidade e mortalidade das ocupações, para o planejamento das reconversões e requalificações ocupacionais, na elaboração de currículos, no planejamento da educação profissional e no rastreamento de vagas, entre outros.

Segundo os referidos autores, trabalhando por conta própria ou organizados em associações e cooperativas, ou ainda e em menor escala, como empregados, os catadores de material reciclável são descritos como aqueles que “catam, selecionam e vendem material reciclável como papel, papelão e vidro, bem como material ferroso e não-ferroso e outros materiais reaproveitáveis”.

Para o exercício da ocupação de catador, Crivellari *et al* (2008) consideram que não há exigência de escolaridade, formação profissional ou experiência anterior. Mas, quando atuam por meio das cooperativas pressupõe-se que essas ministrem vários tipos de treinamento a seus cooperados, tais como cursos de segurança no trabalho, meio ambiente e administração.

2.2. A IMPORTÂNCIA DO CATADOR NA SOCIEDADE

O trabalho na catação dos resíduos recicláveis apresenta uma organização da sociedade nessa viragem do século XXI. Magera (2003) chama o catador de Dom Quixote em função da importância de seu trabalho junto à sociedade. Podendo ser dividida em três principais formas: carrinheiros, catadores no lixão, cooperativas e associações. Para fazer aqui essa classificação leva-se em conta as formas de organização do trabalho. A mais conhecida é a dos trabalhadores catadores carrinheiros

Os carrinheiros estão geralmente ligados aos donos dos depósitos pelo empréstimo da principal ferramenta de trabalho, o carrinho. Pela necessidade de ter o dinheiro e por não ter

onde armazenar o que foi recolhido realiza a venda do que recolhem diariamente (LEGASPE, 1996; GONÇALVES, 2003).

Outra forma de trabalho na catação e separação dos resíduos recicláveis que ocupa um grande número de pessoas é aquela realizada diretamente nos lixões. Essa organização depende da quantidade de trabalhadores envolvidos, da quantidade de resíduos gerados nos municípios, das ações ou do papel do poder público no processo de coleta, transporte e disposição dos resíduos sólidos nos locais de aterro (GONÇALVES, 2003).

E o que se observa a inclusão, também outros agentes locais envolvidos, como por exemplo, os compradores/atravessadores que vão até o lixão, ou mesmo agentes dos órgãos de fiscalização municipais, regionais e/ou estaduais que fiscalizam os serviços ligados aos resíduos sólidos urbanos.

Conforme Magera (2003) e Miura (2004), o crescimento do número de catadores de material reciclável com as crescentes exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho e também ao aumento do desemprego. Para esses autores, alguns trabalhadores da catação constituem uma massa de desempregados que, por sua idade, condição social e baixa escolaridade, não encontram lugar no mercado formal de trabalho.

Neste sentido, de acordo com Ribeiro e Santos (2000), o baixo nível de escolaridade associado à ausência de oportunidade de qualificação para o trabalho determinam que o indivíduo se submeta as atividades mais rudimentares e de pouco rendimento, tendo como consequência a reprodução do ciclo de pobreza.

Dessa forma, concluem Leal *et al.* (2002) que o catador de material reciclável participa como elemento base de um processo produtivo bastante lucrativo. No entanto, paradoxalmente, trabalha em condições precárias, subumanas e não obtém ganho que lhe assegure uma sobrevivência digna.

Abreu (2001) simplifica a questão, de forma incisiva, ao relatar que os catadores são “gente pobre, que não encontrou outra forma para sobreviver”.

Conforme Barros e Pinto (2008), um aspecto que retrata a não-afetividade da cidadania para esses trabalhadores – e que ainda hoje é situação reproduzida na história dos catadores que trabalham nos lixões da grande maioria dos municípios – é a falta de condições para seus filhos freqüentarem a escola com regularidade e bom aproveitamento. Com freqüência, catadores que vivem nessa situação e, sobretudo aqueles que passaram a atuar em associações ou cooperativas, expressam a tristeza que sentiam ao ouvir seus filhos dizerem que não querem mais ir à escola porque as outras crianças os chamavam de “lixeiros”.

Evidentemente, para essas crianças diretamente envolvidas no processo de catação, esse estigma é ainda maior (p. 72).

Segundo os referidos autores, a catação é uma ocupação tradicionalmente desempenhada por indivíduos com baixos níveis de escolaridade, além de requerer pouquíssima qualificação. Por outro lado, pode-se inferir que o trabalho formalizado do catador de material reciclável demanda o exercício de atividades que vão além da simples catação e as que exigem maior escolaridade. Ao organizar-se como empreendimento, o trabalho de catação se complexifica, passando a requerer certos saberes típicos da atividade gerencial, conforme se observa na descrição da ocupação feita pela CBO, tais como “divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho”, entre outras.

Sobre esta questão, Silva (2010) afirma que a incorporação do trabalho do catador no circuito produtivo institui um conjunto de novas problemáticas, posto que esta atividade é exercida sob condições subumanas, extremamente insalubres. A sua função, por excelência, é a coleta de resíduos, dos entulhos produzidos pela sociedade do descarte e do desperdício. A má-remuneração e a desproteção social, além da discriminação de que são vítimas estes trabalhadores, revelam um quadro de barbárie social em contraste com os avanços científicos e tecnológicos utilizados na produção de reciclados.

Os catadores, contudo, teriam ganhado destaque nessas discussões pelo viés social da geração de renda a partir dos resíduos e não, necessariamente, pelos aspectos ambientais que as permeiam. Eigenheer *et al* (2005) ilustram bem isso quando comentam que os estudos até então realizados sobre os catadores acenavam para um contexto em que a questão do aproveitamento aproxima-se mais de uma problemática de ordem social e econômica do que ambiental e de escassez de recursos.

Com base em Martins (2006), é possível afirmar que os catadores de material reciclável são trabalhadores pertencentes a uma classe social empobrecida e discriminada e, ao mesmo tempo, uma categoria de profissionais – não reconhecidos – porém altamente preservadores do meio ambiente e de uma forma alternativa de organizar a própria sobrevivência.

Conforme Silva (2010), a sustentabilidade propalada pela indústria recicladora não leva em consideração o trabalho do catador, embora sua existência seja uma das condições para a expansão e o avanço tecnológico daquele ramo industrial. Esmacido pela e na matéria que recolhe, este trabalhador torna-se ironicamente reconhecido como um “agente ambiental”, seja pelo Estado, seja pela sociedade civil, enquanto é destituído da condição de produtor de riqueza social.

Neste sentido, a referida autora afirma que o catador se apresenta alheio à rentabilidade do setor industrial, sendo insuficientemente atendido pelos programas assistenciais do governo e estando apartado das condições legais de proteção do trabalhador e sua família.

2.3. O TRABALHO DO CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL

O trabalho, além de ser um meio de subsistência, também é um meio de integração social, pois possibilita o relacionamento entre pessoas, a inclusão social e o sentimento de pertencer a um grupo. Assim, explica Dejours (1999), o trabalho significa para o trabalhador uma forma de afirmar sua identidade por meio de atribuições individuais inseridas por ele na realização da tarefa.

Neste sentido, Barros e Pinto (2008) pensam o trabalho situado no cerne da vida social e pessoal dos sujeitos, constituindo-se em atividade principal no processo de construção de identidade dos sujeitos, o que torna a articulação da identidade e trabalho indispensável.

Concretamente, porém, os referidos autores afirmam que o simples acesso a alguma ocupação não garante, por si, uma identidade reconhecida. Existem situações em que as possibilidades de constituição de uma identidade valorizada e estável encontram-se bloqueadas ou mesmo impedidas de se efetivar, associadas direta ou indiretamente ao mundo do trabalho e as suas condições. Ter como fonte de renda bicos, trabalhos ocasionais e precários não configura uma vida valorizada. As sociedades, ao se fundarem na mercantilização, monetarização e no consumo cria “não-cidadãos”. Cada homem vale pelo lugar onde está. O seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território. A possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto de território de onde está.

Desta feita, de acordo com D’Almeida e Vilhena (2000), as condições de trabalho dos catadores, embora extremamente insalubres, proporcionam para eles uma liberdade no horário de trabalho e de comportamento inexistente em empregos fixos.

Segundo Barbosa (2008), a menor rigidez da organização responde pelas propostas dos sujeitos políticos quanto à possibilidade de dar um *salto de qualidade* neste trabalho, que é responsabilidade dos próprios trabalhadores. Possibilitando uma nova cultura de trabalho,

onde o processo produtivo atenderia às necessidades de consumidores, mas também dos próprios trabalhadores produtores, um trabalho mais prazeroso e solidário.

Sobre este assunto, Barros e Pinto (2008), consideram que os catadores realizam trabalho insalubre, pesado, perigoso, sujeito a acidentes em condições precárias; a jornada de trabalho é longa, envolvendo períodos nas ruas, muitas vezes de madrugada. Sofrem de dores no corpo, varizes, tonteiras, “fraqueza dos nervos”, falta de vontade de viver, problemas de estômago, pois carregam em média 300 kg de material reciclável em seus carrinhos. Muitos reconhecem serem usuários de drogas e álcool (catam e vendem para comprar drogas e bebidas). Queixam-se também dos motoristas, especialmente dos de ônibus e táxis, que não os respeitam com seus carrinhos; muitos já foram atropelados e/ou tiveram seus carrinhos destruídos pelos ônibus. Vivem o dia-a-dia, sem projeto pessoal de futuro. Já o caso dos catadores que participam de associações ou cooperativas reflete outra realidade.

Castel (1995) afirma que a vulnerabilidade dos pobres, dos trabalhadores, dos desempregados se expressa não só na exclusão do emprego, mas também na precarização das relações contratuais e pelas perversas formas de sociabilidade.

Se observarem as características do trabalho situado na pequena unidade produtiva e em situação de informalidade, verifica-se que os catadores de materiais recicláveis e sua família se sustentam em trabalhos com longas jornadas, baixas condições de segurança e rendimentos pequenos (BARBOSA, 2008, p. 103)

Como Singer (1998) sublinha, em situações anteriores de transformações tecnológicas profundas ou de mudanças na divisão internacional do trabalho, a perda de empregos advinda desses processos era compensada, em parte, pela redução da jornada laboral e pela aceleração do crescimento econômico, que acabavam criando condições para a geração de novos postos de trabalho.

Segundo Barbosa (2008), o desemprego associa-se à precarização baseada na degradação das condições e relações de trabalho, reestruturando o mercado e alargando heterogeneidade social com trabalhos parciais, terceirizados, temporários, com sérias conseqüências para processos de solidariedade e formação de identidade coletiva entre os trabalhadores.

A precarização do emprego submete o trabalhador a condições arriscadas para sua vida, a cruel dominância da concorrência no mercado, sem ações coletivas de enfrentamento, sem segurança de cobertura social no futuro ou de quando não mais puder dispor de força de trabalho. (BARBOSA, 2008, p. 92)

Sobre a questão da sobrevivência, Marinho (2005) afirma que o trabalho passou a ser o 'sentido da vida', possibilidade de enriquecimento futuro, e, para além do problema da sobrevivência, ainda que heterônomo, é proclamado como virtude. Dessa maneira, o terceiro setor é apontado como uma alternativa ao vazio deixado pelo Estado em diversas áreas, configurando a passagem de um modelo de *Welfare State*¹ a um de "welfare da cidadania".

Para Barbosa (2008), o “estar na informalidade” pode representar um custo social extremamente alto que, nos dias atuais, se agrega à medida que aumenta a parcela da população trabalhadora inserida em ocupações que se caracterizam pela negação de direitos trabalhistas e elevado grau de exposição à situação de vulnerabilidade (como enfermidades, acidentes, velhice).

Segundo Barbosa (2008), 60% da População Economicamente Ativa (PEA) brasileira trabalha em economia informal. Isto se reparte da seguinte maneira: 23,4% são empregados por conta própria ou independentes, 11,2% são empregados não remunerados, 11% se encontram no setor privado, 7,6% trabalham no serviço doméstico e 6,5% são trabalhadores agrícolas.

Para a autora, esse é o universo de experiências de trabalho que envolve catadores de material reciclável, processadores de material reciclado, artesãos de diversas áreas, trabalhadores de confecção de roupas, oficinas mecânicas, padarias, segmentos diversos de alimentação, pequenas produções agrícolas, leiteira e pecuária e empresas falimentares autogestionadas.

2.4. ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL

A organização de associações (pré-cooperativas) de catadores/recicladores tem sido incentivada por entidades e grupos diversos vinculados a igrejas, como a Cáritas, a universidades e a outras organizações não-governamentais (GRIMBERG; BLAUTH, 1998).

Os agentes da Igreja Católica fazem-se presentes na formação de uma parte significativa das associações de catadores/recicladores em grandes cidades brasileiras, como Porto Alegre, São Paulo e Belo Horizonte, através das comunidades eclesiais de base e de Pastorais que têm como público-alvo os moradores de rua, muitos dos quais sobrevivem como

¹ Estado de bem-estar social.

papeleiros ou carrinheiros, ou seja, recolhendo com carroças ou carrinhos precários o material com potencial de reciclagem (JACOBI; VIVEIROS, 2006).

Dupas (1999) assevera que o trabalho comunitário, acima de tudo, constitui “uma alternativa revolucionária às formas tradicionais de trabalho”, bem como “uma ação de auxílio, uma forma de alcançar os outros”, que pode contribuir para restabelecer redes sociais e para abrir novas perspectivas de ocupação e renda (p. 173).

As associações observadas, ainda que de maneira e intensidades diferentes, tornam-se assim “organizações sociais adaptáveis” (COLEMAN, 2005, p. 400), isto é, as identidades coletivas, criadas nestes espaços contribuem também para outros aspectos, “vindo assim constituir o capital social que pode ser empregado” (p. 401). A evidência mostra que certas associações de catadores não se limitam a trabalhos de auto-regulação: mesmo fixando limites externos para se distinguir de quem trabalha de maneira independente, elas não se recusam ao encontro com quem está nas fronteiras do seu território. Esta propensão ao diálogo se manifestou, antes de mais nada, entre as associações de catadores e contribuiu para criar uma identidade mais articulada, a Federação das Associações dos Recicladores de Resíduos Sólidos do Rio Grande do Sul (FARRGS). Por meio da atividade de mediação e de representação dos interesses da categoria, assumiu, pelo menos em certos períodos, o papel de interlocutora reconhecida pela autoridade pública local e pelos atores econômicos formais, que operam no mercado dos resíduos recicláveis urbanos. Este reconhecimento legitimou o papel das associações que fazem parte desta federação, como instrumento fundamental para catadores participarem na esfera da política.

Neste sentido, Fischer (1996) e Oliveira (2001) consideram que o processo associativo deve contar, em curto prazo, com a vontade do poder público em articular o planejamento da reciclagem com a inserção social. Esta articulação já pode ser observada em algumas cidades brasileiras, onde as organizações em associações ou em cooperativas de catadores tiveram o apoio das administrações municipais, que providenciaram o suporte básico. As organizações, criadas para atingir esse objetivo, devem viabilizar a construção de políticas públicas de reciclagem e coleta seletiva do lixo como alternativa para gerar renda, propiciando a inserção social dos grupos marginalizados.

Segundo Crivellari *et al* (2008), vários estudos discutem a existência de uma relação entre as variáveis: sobrevivência e desempenho educacional dos filhos. Esses estudos mostram que os efeitos da educação do pai tendem a ser positivos, mas, em geral, são menores que os da mãe. Isso reforça a importância da função social das cooperativas e das associações de catadores, no sentido de investirem esforços na educação dos associados e

cooperativados, em especial as mulheres, tendo em vista os efeitos positivos sobre a educação dos seus filhos e, conseqüentemente, sobre a reprodução social.

Por meio de pesquisa realizada no ano de 2007, tendo por público-alvo os catadores de material reciclável organizados e não-organizados, Barros e Pinto (2008) conseguiram recuperar a memória que os catadores de hoje possuem acerca do período em que não eram organizados em associações. Aqueles que já eram catadores na época de 1980 retrataram as dificuldades e as más condições em que viviam: famílias inteiras vivendo na rua, em função da catação, mesmo que tivessem uma moradia, geralmente na periferia, e que retornassem para casa nos finais de semana. Nessas condições, as crianças, apesar de matriculadas na escola, não tinham condições de freqüentá-la regularmente, vivendo nas ruas com os pais.

Assim, no caso dos segmentos mais pobres da sociedade, que sofrem formas extremas de exclusão social, a sua inserção vai depender da reinvenção de alternativas de produção de estrutura não capitalista. A organização de catadores em associações ou cooperativas, segundo estudos realizados por Santos e Rodriguez (2002), deve ocorrer concomitantemente a um processo integrado de transformação cultural, social e política dos seus membros.

Neste sentido, Barbosa (2008) cita a terminologia “economia solidária”, que pode servir para designar práticas econômicas populares que estão fora do assalariamento formal – como comércio ambulante, pequenas oficinas, serviços autônomos, artesanato, confecções de costura – englobando ações que são individualizadas e outras que agrupam pessoas, onde o sentido de coletividade precisa ser focado, provocando a solidariedade na produção da atividade econômica, propriamente. Aqui, economia solidária é entendida como uma modalidade de economia popular – de práticas econômicas de sobrevivência – reúne grupos em associações, cooperativas ou pequenas empresas baseadas na cooperação e autogestão. Entretanto, outros segmentos também a incorporam como toda e qualquer iniciativa empreendedora desenvolvida por desempregados excluídos do mercado com vistas a constituir seu próprio negócio.

As possibilidades de rendimentos superiores ao custo chegam a ser residuais na medida em que a produção se limita quase ao consumo de sobrevivência, mantendo o circuito de empobrecimento que rodeia esses pequenos agenciamentos econômicos (BARBOSA, 2008, p. 103).

O nome Águas Lindas foi inspirado por um balneário existente em uma cidade do Estado de São Paulo. No dia 20 de março de 1964 surge o Clube e balneário Jardim Águas Lindas, com seus arvoredos, sua fonte natural e suas piscinas, cujos associados e visitantes frequentavam com suas respectivas famílias.

O início do processo de povoamento da localidade, que ficou bem próximo ao balneário de Águas Lindas, causou o afastamento dos sócios do clube, que foi fechado e posteriormente ocupado pela população.

Com isso, no final da década de 1970, surge o “movimento pela ocupação das terras” e no início da década de 80, inicia-se um projeto chamado “Mutirão”, que consistia na construção de casas populares, financiadas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), destinado a construir cerca de 35 mil moradias para famílias de baixa renda. Tal projeto não foi executado na prática pelo governo do Estado do Pará, na época.

A partir de então, se inicia uma ocupação desordenada. Concomitantemente a este fato, o “lixão” da Cremação, (localizado em Belém) foi desativado e transferido para uma área em que foi realizada a mineração para construção da BR 316, em Águas Lindas.

Com o aumento populacional da área, começa a luta pela sobrevivência, e a maioria destas pessoas passou a recolher alguns materiais recicláveis para serem comercializados, tais como: ferro, papelão, cobre e alumínio. O lixão de Águas Lindas ficou em plena atividade no período de 1982 a 1991.

Essas atividades produzidas pela comunidade de Águas Lindas começaram a ser referências nacionais a partir do surgimento do “Protocolo de 1991”. Para redefinir as áreas limites dos municípios de Ananindeua e Belém, ocorreu o fechamento do lixão de Águas Lindas, que foi transferido para a área do Aurá, que fica na mesma gleba (quadra de 5.000 m² residencial) patrimonial do município de Ananindeua.

Dessa forma, em 1993, foi criada a Área de Preservação Ambiental de Belém (APA), na Gleba Conceição do Aurá, área que foi explorada e degradada pela mineração, que retira do solo um produto mineral chamado “saibro”². Até hoje continua recebendo toda a disposição desse resíduo sólido, que é gerado pela região metropolitana de Belém, criando um impacto ambiental no abastecimento de água da população dos municípios que integram a referida região.

² É uma superfície de terreno que mistura argila e areia.

2.4.1 A Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL)

Em 2001 surge o Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável (MNCR), que passou a se organizar nos Estados e Municípios de todo o País.

Após a criação deste movimento, as organizações de catadores, passam a se estabelecer enquanto categoria de trabalhadores profissionais, amparados dentro de normas legais, conquistadas pelo MNCR.

Nesse período a associação de catadores passa a ser reconhecida como categoria profissional, protegida legalmente com direitos trabalhistas.

Esses direitos não foram duradouros, pois em curto espaço de tempo houve o fechamento do lixão de Águas Lindas, algumas famílias de catadores decidiram migrar para outra área do Antigo Curvão, local de onde se retira o saibro, localizada na Rua Jardim Providência, número 100, que já havia sido explorada, para iniciar um novo trabalho de catação, com as empresas que coletavam resíduos da construção civil.

Considerando o processo histórico da comunidade de Águas Lindas que, por iniciativa coletiva e partindo de princípios de sobrevivência e garantia de subsistência das famílias que ali acabaram de se instalar, começam a promover a coleta organizada de lixo. A partir de 2005, essa organização foi denominada de Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL), que passou então a firmar termos de compromisso e criar redes de apoio para desenvolver vários projetos para implantação de coleta seletiva, como também tecnologia social e ambiental, desenvolvendo uma agenda local que consiste em coleta seletiva, reutilizar a matéria orgânica para fins agrícolas e matéria industrializada para os fins industriais.

Com uma infra-estrutura que dispõe de duas áreas: um pátio para triagem e uma pequena área coberta, a ARAL passou a fazer coleta seletiva porta-a-porta.

No ano de 2006 surge o decreto 5.940, que afirma que todo resíduo gerado pelos órgãos públicos federais serão destinados para os catadores de material reciclável.

Em janeiro de 2007, surge a Lei nº 11.445 que é uma Política Nacional para Inclusão dos Catadores, uma Política de Saneamento Ambiental, no sentido de dispensar a licitação de associações e cooperativas de catadores de material reciclável.

Somente a partir de 15 de fevereiro de 2008, o Governo do Estado do Pará cria um Decreto Estadual para dar diretrizes normativas ao trabalho dos catadores de material reciclável, sendo o terceiro Estado no Brasil a aderir ao Decreto do Governo Federal.

Em 2009, o Ministério Público Estadual (MPE) determina o fechamento do Curvão, onde os catadores desenvolviam seu trabalho desde 1992. Então o presidente da ARAL aluga uma área para ser a sede da associação próxima ao Curvão.

A partir dessa ação do MPE, a ARAL, juntamente com a Empresa Brasileira de Pesquisa da Amazônia Oriental (EMBRAPA) e o Banco do Brasil, desenvolve projetos que visam garantir alternativas de subsistência e preservação ambiental, tais como:

- Portfólio (folhagens de plantas medicinais),
- Lixo Zero (para combater o desperdício, tanto da matéria orgânica que não é lixo, quanto à matéria prima industrializada, que não é mais lixo).
- Quintal Vivo (a partir do lixo orgânico, gerado pelo domicílio de cada cidadão será desenvolvido adubo orgânico, para o cultivo de folhas, hortaliças, ervas medicinais).

2.5 COLETA SELETIVA E RECICLAGEM

A implementação de programas de coleta seletiva é fundamental para reduzir a quantidade de lixo disposto, minimizando os impactos que os resíduos sólidos provocam no meio ambiente e na saúde dos cidadãos.

A primeira experiência de coleta seletiva no Brasil ocorreu em 1985, em Niterói (RJ), em São Francisco, bairro residencial e de classe média (EIGENHEER, 2003). O registro das experiências brasileiras de coleta seletiva teve início em 1993, com a publicação da coletânea “Coleta Seletiva de Lixo – experiências brasileiras” e a partir de 1994, até o presente momento, pelo CEMPRE, com a publicação dos informativos e pesquisas Ciclossoft.

Além disso, a coleta seletiva permite o reaproveitamento e a reciclagem de material, promovendo a geração de renda com inclusão social e sendo a mais indicada em termos de aproveitamento desse material, porque eles estão mais limpos e são separados previamente com o trabalho da comunidade em suas casas e edificações. Tentar separá-los em seguida à coleta domiciliar, depois de misturados e molhados, transportados por caminhões compactadores que os esmagam dentro das carrocerias sob alta pressão fica mais difícil, sobretudo para os catadores.

Conforme o Decreto Federal 5.940 de 25 de outubro de 2006:

Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de material reciclável.

Neste sentido, a coleta seletiva dos resíduos recicláveis, organizada na lógica do sistema denominado porta a porta, coligado à prática do descarte seletivo de resíduos por parte da população, tem aparecido como melhor meio para alcançar esse trabalho feito pelos catadores.

Esse sistema, porém, traz para os catadores organizados a necessidade de estruturar o trabalho de maneira que as diferentes funções (coleta, triagem e comercialização), possam ser executadas a contento.

A evolução da coleta seletiva no Brasil tem sido mais intensa nos últimos sete anos. O envolvimento de prefeituras municipais tende a crescer na medida em que a população passa a cobrar uma postura proativa de seus governantes. A tabela a seguir apresenta a evolução da participação de municípios brasileiros na implantação de programas de coleta seletiva de lixo:

Quadro 1:

Número de municípios brasileiros que passaram a realizar coleta seletiva

| ANO | NÚMERO DE MUNICÍPIOS | % |
|------|----------------------|---|
| 1994 | 81 | 1 |
| 2004 | 237 | 4 |
| 2006 | 327 | 6 |
| 2008 | 405 | 7 |

Fonte: CEMPRE - abril/2008 (Disponível em: <http://www.projeto reciclar.ufv.br>. Acesso em 17/05/2010).

A partir do exposto no Quadro 1, é possível afirmar, com base em Silva (2010), que a reciclagem já evidencia a sua importância no Brasil. O país é o primeiro colocado no *ranking* mundial da reciclagem de embalagens de alumínio, o que implica uma economia de energia suficiente para abastecer uma cidade de 1 milhão de habitantes. Se a isto agregamos a economia de matéria-prima e a redução da poluição que causariam tais embalagens, caso fossem lançadas na natureza, sem dúvida estamos ante um vasto campo de possibilidades de redução de danos ambientais. Por outro lado, o Brasil vem melhorando seu posicionamento no mercado de reaproveitamento de plástico. O fechamento dos números de 2005 mostra um

incremento de quase 28% do volume de reciclado nos últimos três anos. O índice brasileiro é superior ao de países como França, Suécia e Portugal.

Por outra via, de acordo com Silva (2010), um dos traços distintivos da indústria recicladora é a utilização da matéria-prima obtida no lixo. Ao fazê-lo, impulsiona um processo de trabalho atípico, externo aos muros da empresa, o qual mobiliza trabalhadores precarizados e miseráveis, sucateiros ou deposeiros, o próprio Estado e ONGs, tecendo, assim, uma rede que se articula desde a separação de materiais, a coleta, a seleção, o armazenamento e o transporte destes constituindo um processo de trabalho que se inicia na rua (ou ainda no espaço doméstico e no interior das empresas), e termina na fábrica.

É possível observar ainda a presença de outros agentes locais envolvidos neste processo, como os compradores/atravessadores que vão até o lixão, ou mesmo agentes dos órgãos de fiscalização municipais, regionais e/ou estaduais que fiscalizam os serviços ligados aos resíduos sólidos urbanos.

Conforme Borges (2005), o processo de separação e recolhimento dos resíduos deve ocorrer conforme sua constituição: seco (inorgânico, potencialmente reciclável) e úmido (orgânico, potencialmente compostável).

Segundo Calderoni (2003):

Embora muitos governantes se preocupem apenas com os custos da implantação e operação da coleta seletiva, não levando em conta os benefícios que esta pode gerar ao meio ambiente, ao município e à população, por sorte, parece haver fortes argumentos em favor da viabilidade da reciclagem do lixo.

Considerando as afirmações de Calderoni (2003), o aumento da consciência ecológica das populações urbanas nos últimos tempos tem levado autoridades e especialistas a optarem por processos que visam ao aproveitamento dos materiais contidos no lixo urbano, o que permitiu o surgimento de diversas alternativas interessantes como a reciclagem e reaproveitamento de materiais, utilização do gás produzido nos lixões e outras.

Esses lixões passam a constituir, em razão da presença de resíduos recicláveis e reutilizáveis, locais de trabalho para milhares de pessoas.

É freqüente a afirmativa de que a reciclagem do lixo é economicamente viável. Encontra-se essa afirmativa, tanto na literatura especializada, como em debates públicos e, sobretudo, em manifestações divulgadas pela mídia (CALDERONI, 2003, p. 39).

Cabendo aqui a observação de que esse aproveitamento e reciclagem já se praticavam rotineiramente para o caso de resíduos industriais, quando muitas vezes os subprodutos, rejeitados por uma indústria, servem como matéria-prima de outras indústrias.

Baseado nos dados acima, verifica-se a necessidade da reciclagem como uma proposta de minimizar esta situação, sendo conceituada como um conjunto de técnicas que tem por finalidade aproveitar os detritos e reutilizá-los no ciclo de produção de que saíram. E o resultado de uma série de atividades pelas quais os materiais que se tornariam lixo, ou estão no lixo, são desviados, coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na manufatura de novos produtos. Já o reaproveitamento ou reutilização consiste em transformar um determinado material já beneficiado em outro. Um exemplo claro da diferença entre os dois conceitos, é o reaproveitamento do papel.

Como alternativa para evitar essa degradação social, foram implantados em alguns municípios brasileiros usinas de triagem e compostagem, associadas ou não à coleta seletiva, que compreende uma função dupla: evita o desperdício e dá nova vida aos materiais dispensados.

A complexa trama social e econômica que envolve o resíduo reciclável assume uma territorialidade bastante diversificada no que diz respeito à organização e à exploração do trabalho dos catadores. No entanto, essa diversificação não representa um processo caótico e sem direção; ao contrário, revela nessas diferentes feições assumidas às estratégias de reprodução do capital em um determinado circuito econômico, mais propriamente a reciclagem.

2.6 COMERCIALIZAÇÃO DO MATERIAL RECICLÁVEL

De acordo com Berthier (2003), nos países em desenvolvimento, existiria um mercado de reciclados bem desenvolvido, muito em função da disponibilidade de mão-de-obra barata, disposta a se sujeitar a condições, muitas vezes, difíceis de trabalho. Nesses países a reciclagem seria atrativa em termos econômicos para muitas pessoas (valorização social do lixo). Por outro lado, nos países desenvolvidos a problemática do lixo urbano seria alvo de estudos que contemplam a conscientização ambiental e a tecnologia de reaproveitamento em usinas, e a participação da sociedade se daria pela criação de mecanismos institucionais (como as multas) que a induziriam a participar.

Silva (2010) concorda com o autor supracitado ao considerar que a cadeia do lixo é lucrativa, sendo que a expansão da indústria de reciclagem em todo o mundo é exponencial e apresenta índice de crescimento de ordem de 10% ao ano. Atualmente, no entanto, o tratamento de dejetos gera um faturamento de 240 milhões – um quarto do valor potencial – segundo os cálculos da Associação Brasileira de Empresas de Tratamento, Recuperação e Disposição de Resíduos Especiais – ABETRE.

De acordo com a referida autora, de fato, a cadeia do lixo integra a produção globalizada, controlada pelos grandes grupos econômicos, de sorte que os preços dos produtos não são mais definidos localmente, mas obedecem as regras do mercado internacional. E são estas que influenciam o preço a ser pago na ponta do circuito inferior, onde estão os catadores e os deposeiros. Desta forma são os compradores do material reciclável que determinam o valor do produto e não o possuidor da mercadoria, que deveria fazê-lo baseado no seu custo de produção.

Conforme Silva (2010), considerados “excluídos sociais”, estes trabalhadores de rua cumprem papel decisivo no processo produtivo da indústria de reciclados, visto que são fornecedores do trabalho materializado – fornecem a matéria-prima daquelas indústrias – sendo a compra e venda de uma força de trabalho encobertas na forma de compra e venda de mercadorias. Assim sendo, o sucesso pessoal, a capacidade da satisfação de suas necessidades no mercado depende do *quantum* de mercadorias que remete cotidianamente às empresas – através de intermediários (deposeiros ou cooperativas) – as quais fixam o valor de remuneração da força de trabalho pelo número de unidades/peso (ou peças) e pelo tempo dispensado para obtê-las. Este processo tem como resultado imediato o aumento dos lucros das empresas.

A venda de material reciclável articula-se em unidades de comercialização para armazenamento e comercialização coletiva dos materiais recicláveis, garantindo escala e melhores condições de beneficiamento dos mesmos, e outros tipos de apoio. Essa estrutura garante à organização de catadores um patamar mais sustentável de negociação com a indústria de reciclagem, especialmente no que se refere aos preços (GRIMBERG, 2007, p. 37).

Situa-se com destaque, o apoio à cadeia produtiva da reciclagem, que é lembrada como atividade que pode agregar valor ao material reciclável, através das diversas etapas de triagem, beneficiamento e comercialização, podendo, dessa maneira, incrementar a renda dos associados nos galpões de recicladores (MARTINS, 2006, p. 98).

Segundo Jacobi e Viveiros (2006), entregar a coleta seletiva a quem dela já tira seu sustento – ainda que de modo informal e desestruturado – é uma proposta que se investe de grande importância socioambiental.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Localizado na Região Norte, o Estado do Pará, com extensão territorial de 1.247.689, 515 quilômetros quadrados, é a segunda maior unidade federativa do Brasil, correspondendo a 14,6% do território nacional, atrás somente do Amazonas (1.570.745,680 km²).

Conforme contagem populacional realizada em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do Pará é de 7.431.020 habitantes, distribuídos em 143 municípios. Sua capital é Belém, cuja Região Metropolitana é constituída por 5 municípios: Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara do Pará conforme mostra a Figura 01:



Figura 01 – Mapa da Região Metropolitana de Belém.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?>. Acesso em 18/10/2010

A cidade de Ananindeua (Figura 02) é o segundo mais populoso município do Pará com mais de 500.000 hab. e a 3^a maior cidade da Região Norte, com uma área geográfica de 185,06 km² e localiza-se a uma longitude 48°37'22" norte e a uma latitude 01°36'55" oeste.

Seu crescimento se deu em decorrência do crescimento da cidade de Belém que se expandiu para dentro desse município (IBGE, 2009).



Figura 02 - Mapa das Áreas do Município de Ananindeua
Fonte: Anuário Estatístico do Município de Ananindeua (2007)

3.1.1 Bairro de Águas Lindas

A presente pesquisa foi desenvolvida na Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL), que está localizada na Gleba Conceição do Aurá, Jardim Providência número 100, bairro de Águas Lindas (Figura 03).

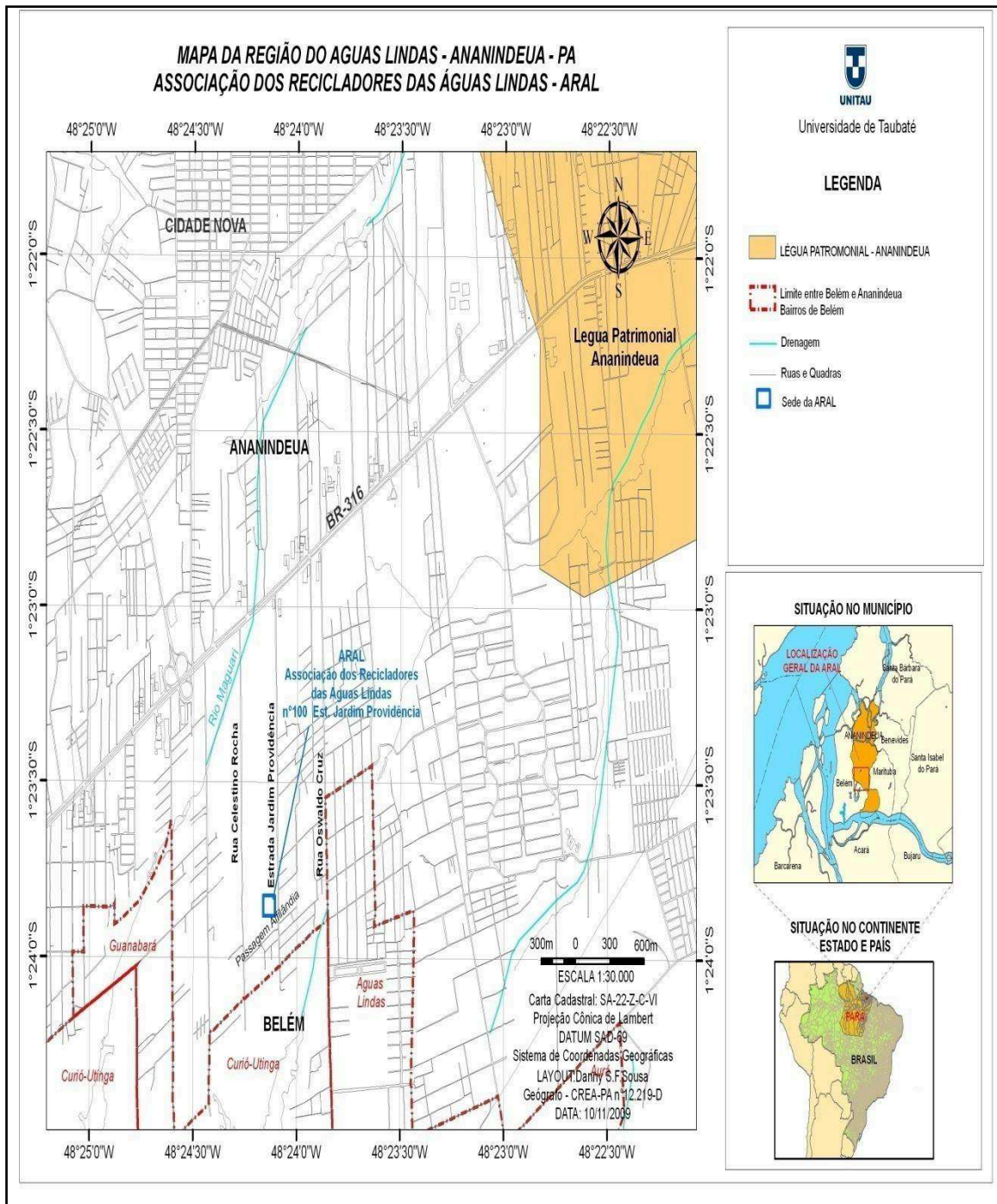


Figura 03 – Mapa da Região de Águas Lindas – Ananindeua – PA
Fonte: Danny S.F. Sousa, 2009

3.2 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa possui um enfoque quanti-qualitativo sobre as atividades de catadores de material reciclável da ARAL.

A ARAL tem no total 25 trabalhadores, mas a amostra de sujeitos desta pesquisa é composto por apenas 12 sujeitos: 10 catadores, que atuam especificamente na associação, além de 02 fiscais. Os outros 13 trabalhadores não foram selecionados para participar desta pesquisa, pois realizam seu trabalho fora da ARAL, em algumas empresas com as quais ela tem parceria, a exemplo da EMBRAPA.

Este estudo foi desenvolvido a partir da técnica de pesquisa questionário, que consta no Apêndice B. O referido questionário foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética e contém 33 perguntas, entre fechadas e semi-abertas, com a finalidade de obter o perfil socioeconômico dos trabalhadores que participam da ARAL.

Os dados foram coletados no período de Abril a Maio de 2010, tabulados por meio de tabelas e analisados a partir de artigos científicos que tratam do perfil socioeconômico de catadores de material reciclável.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL

Os 12 trabalhadores da ARAL, sujeitos desta pesquisa, se denominam de recicladores. São 06 homens e 06 mulheres, na faixa etária de 25 a 57 anos de idade. Eles possuem em média de 05 a 07 anos de tempo de trabalho na ARAL. Todos moram no entorno da associação, no Bairro de Águas Lindas, Município de Ananindeua, Região Metropolitana de Belém.

Sobre a análise deste estudo, ela está dividida em sete categorias a fim de caracterizar o perfil socioeconômico dos trabalhadores da ARAL: distribuição de cargos, turno de trabalho, nível de escolaridade, caracterização do material recolhido, comercialização do material reciclável, renda e situação de moradia. As referidas categorias serão apresentadas a seguir.

4.1.1 Distribuição de Cargos

Os trabalhadores da ARAL estão distribuídos em dois cargos, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 01. Distribuição de cargos dos trabalhadores da ARAL

| Cargo | Quantidade |
|--------------|-------------------|
| Fiscal | 2 |
| Catador | 10 |
| Total | 12 |

A partir da Tabela 2 é possível verificar que, dentre os sujeitos participantes desta pesquisa, a maioria, 10 pessoas, desempenha o cargo de catador e apenas 02 ocupam o cargo de fiscal. Para que se compreenda por que há mais catadores que fiscais é necessário primeiramente apresentar a atribuição de cada cargo.

Os 10 catadores dividem o trabalho da seguinte maneira: 04 homens atuam recolhendo o material reciclável de porta em porta e depois realizam o transporte do mesmo para a sede da associação, conforme mostra a Figura 04.



Figura 04: Fotos do processo de coleta e transporte de material reciclável pelos catadores da ARAL
Fonte: OLIVEIRA; SILVA, 2010.

Há outros 06 catadores do sexo feminino que atuam especificamente dentro do barracão da associação, onde ocorre a triagem do material recolhido (Figura 05).



Figura 05: Fotos das catadoras da ARAL realizando a triagem do material reciclável
Fonte: OLIVEIRA; SILVA, 2010.

Mas, o que levaria alguém a desempenhar a ocupação de catador? Segundo a pesquisa realizada por Porto et al (2004), os catadores, ao serem perguntados sobre o sentido do trabalho em suas vidas, apontam as seguintes razões para desempenharem tal ocupação: meio de sobrevivência, possibilidade de conquistar uma independência, forma de distração e de fazer amigos, modo de se sentir útil, único jeito de conseguir as coisas honestamente. A maioria começou a trabalhar ainda quando criança, exercendo atividades auxiliares às desenvolvidas por seus pais.

Com o tempo, passaram por várias ocupações, tais como: mecânico, lanterneiros, pedreiros, pintores, pescadores, cozinheiras, costureiras, vigilantes, auxiliar de protéticos, balconistas e até artistas plásticos. Um número sem fim de profissões que foram deixando para trás para ingressarem no trabalho com o material reciclável. O desemprego foi o motivo mais marcante para a busca de uma ocupação no lixo. Entretanto, a necessidade de “*ajudar em casa*”, complementando a renda dos familiares, foi um motivo que mereceu destaque entre aqueles que começaram a trabalhar ainda criança.

Situação semelhante a relatada pela pesquisa de Porto et al (2004) ocorre com os trabalhadores da ARAL no que se refere à justificativa de desempenhar a ocupação de catador.

Quanto aos fiscais, cargo exercido por duas pessoas do sexo masculino, cabe à função de: supervisionar o trabalho feito pelos catadores, observando e registrando a entrada e saída do material recolhido; acompanhar o processo de triagem para comprovar que está sendo bem feito; além das funções administrativas que remetem à fiscalização da frequência e cumprimento da carga horária de trabalho dos catadores. É importante ressaltar também que um dos fiscais também desempenha a função de presidente da ARAL.

Neste sentido, é possível afirmar que na ARAL o cargo de catador é exercido por um maior número de pessoas porque é necessário ter mais catadores (trabalhadores que saem em busca de material reciclável e realizam a triagem do mesmo) do que fiscais (trabalhadores que supervisionam o serviço dos catadores).

De acordo com Porto et al (2004), nas fronteiras da exclusão e da precariedade, o grupo de catadores atua de forma silenciosa e vem lentamente se organizando em associações, cooperativas em busca de ter seus direitos reconhecidos, o que pode ser constatado pela recente inclusão da ocupação de catador de material reciclável na nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2002. Tal perspectiva se compreendida dentro da complexibilidade que envolve o tema, pode apontar para o resgate da dignidade de tais trabalhadores, inserindo-os no ambiente das políticas públicas abrangentes que integrem simultaneamente necessidades sociais, ambientais e de saúde pública.

4.1.2 Turno de Trabalho

Os trabalhadores da ARAL apresentam dois tipos de turno de trabalho, conforme está explícito na tabela a seguir.

Tabela 02. Turno de Trabalho dos trabalhadores da ARAL

| Turno de Trabalho | Quantidade |
|--------------------------|-------------------|
| Manhã e Tarde | 11 |
| Manhã, Tarde e Noite | 1 |
| Total | 12 |

A partir da Tabela 3, nota-se que, dentre os sujeitos desta pesquisa, 11 trabalham somente no turno “manhã e tarde”, enquanto que apenas 01 trabalha no turno “manhã, tarde e noite”.

Observa-se, então, que a maior recorrência de turnos de trabalho é “manhã e tarde”, o que se justifica, segundo os próprios sujeitos desta pesquisa, pelo fato de que o referido turno contribui para a organização de suas atividades dentro da associação em dois sentidos.

Primeiro, no período diurno a coleta seletiva porta-a-porta é mais conveniente (as pessoas que doam o material reciclável dificilmente gostariam de ser abordadas no período noturno). Segundo, a triagem do material recolhido é desenvolvida mais facilmente de dia, pois com a luz natural do diurno é mais fácil visualizar e separar os materiais recolhidos.

O noturno não é considerado um bom turno de trabalho pelos catadores devido a questões de conveniência para recolher o material reciclável e de visibilidade para realizar a triagem do mesmo, bem como pela falta de segurança pessoal: o turno da noite oferece mais vulnerabilidade a crimes como roubo, furto e assassinato, ainda mais se considerarmos a ocorrência de situação de risco a que a população do bairro de Águas Lindas fica exposta: falta de policiamento e um índice elevado de violência urbana. Mas ainda assim, há 01 catador que desempenha uma espécie de hora-extra no período noturno a fim de acelerar o trabalho de triagem, especialmente quando a coleta porta-a-porta consegue obter um grande volume de material reciclável.

Segundo a pesquisa de Magera (2003), a maioria dos catadores apresenta uma má formação escolar e isto se deve a sua atividade de trabalho, pois a rotina diária do catador é exaustiva, sendo realizada em condições precárias. Muitas vezes, sua jornada de trabalho ultrapassa doze horas ininterruptas, o que configura um trabalho exaustivo, haja vista as

condições a que estes indivíduos se submetem, com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de quatro toneladas por mês), e percorrendo mais de 20 quilômetros por dia, sendo, no final, muitas vezes explorados pelos donos dos depósitos de lixo (sucateiros) que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados do dia por bebida alcoólica ou pagam-lhe um valor simbólico insuficiente para sua própria reprodução como catador de lixo (p.34).

4.1.3 Nível de Escolaridade

A tabela apresenta o nível de escolaridade dos trabalhadores da ARAL.

Tabela 03. Nível de escolaridade dos trabalhadores da ARAL

| Escolaridade | Quantidade |
|-------------------------------|-------------------|
| Ensino Fundamental Incompleto | 8 |
| Ensino Fundamental Completo | 3 |
| Ensino Médio Incompleto | 1 |
| Total | 12 |

Quanto ao nível de escolaridade percebe-se, na Tabela 4 que, dentre os sujeitos desta pesquisa, 08 têm ensino fundamental incompleto; 03 conseguiram concluir o ensino fundamental e apenas 01 tem o ensino médio ainda incompleto.

É possível comparar estes dados com a pesquisa de Porto et al (2004), que foi realizada no Aterro de Jardim Gramacho no Rio de Janeiro. Quando a questão é o nível de escolaridade, é pequeno o índice daqueles que nunca estudaram (6,8%), enquanto que mais de 90,0% chegaram a ingressar no ensino formal. Deste grupo, porém, apenas 6,4% concluíram o ensino fundamental, contra 1,8% que terminaram o ensino médio.

Comparando os dados das duas pesquisas, percebe-se que na ARAL há mais trabalhadores com o ensino fundamental completo contra 6,4% dos que atuam no Rio de Janeiro. Porém, no que se refere ao ensino médio, os dados são melhores no Rio de Janeiro, onde 1,8% já concluíram o referido nível de ensino, enquanto que na ARAL 01 trabalhador ainda não completou o ensino médio.

A partir desses dados, é possível afirmar que a maior parte dos sujeitos desta pesquisa possui um baixo nível de escolaridade. Há duas justificativas para explicar a baixa escolaridade dos trabalhadores da ARAL.

A primeira se refere ao fato de possuírem uma carga horária pesada de trabalho, conforme foi mostrado na categoria anterior. Tal jornada de trabalho certamente contribui para um sentimento de cansaço à noite, único turno livre de 11 sujeitos, segundo os dados da categoria anterior. Ainda de acordo com esses mesmos dados, para 01 catador que trabalha até de noite não há nenhum momento livre para o estudo.

Outra justificativa é o fato de que os trabalhadores da ARAL demonstram não ter consciência do valor da escolarização, haja vista que não há exigência de escolaridade para o desempenho da ocupação de catador ou fiscal, o que serve como falta de estímulo e motivação para o prosseguimento de estudos: “de que vai me servir o estudo se vou continuar a ser um catador?” (fala de um dos sujeitos da pesquisa).

De acordo com Medeiros e Macedo (2006), a baixa escolaridade está associada à auto-imagem que os catadores fazem de sua profissão e posição social. Muitos catadores associam a falta de estudos à condição de ter que viver do trabalho de catação, o que para muitos representam humilhação e vergonha. Pode-se inferir que essa associação denota o preconceito e o descrédito que os próprios catadores tem em relação à ocupação que exercem.

4.1.4 Caracterização dos Materiais Recolhidos

A caracterização dos materiais recolhidos pelos trabalhadores da ARAL é bem diversificada, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 04. Material recolhido pelos trabalhadores da ARAL

| Material | Sim | Não |
|-----------------|------------|------------|
| Plástico | 11 | 1 |
| Papelão | 12 | - |
| Papel | 12 | - |
| Alumínio | 6 | 6 |
| Ferro | 6 | 6 |
| Vidro | 5 | 7 |
| Total | 52 | 20 |

A Tabela 5 mostra que a maior parte do material recolhido pelos sujeitos desta pesquisa é caracterizada por papelão e papel (Figura 06), pois cada um desses materiais é recolhido por 12 catadores da ARAL.

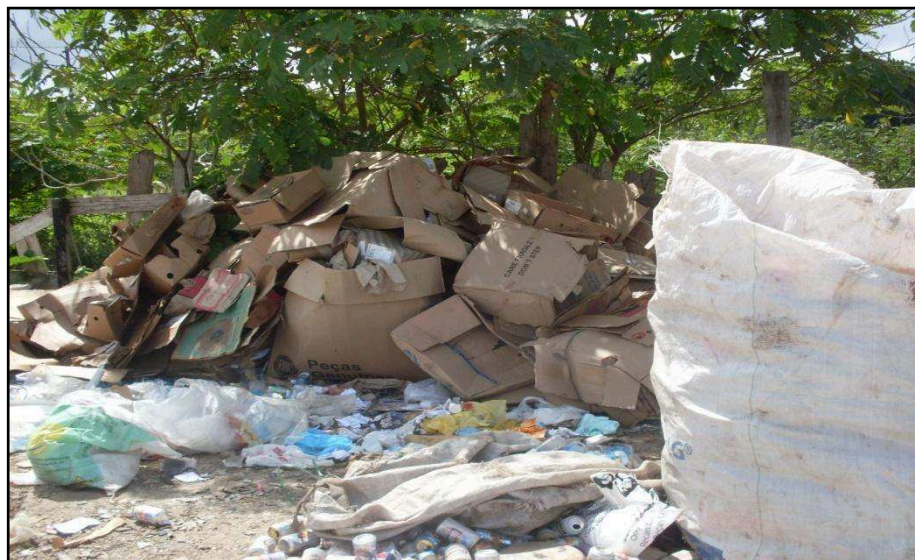


Figura 06 – Papelão recolhido por catadores da ARAL
Fonte: Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL), 2010.

É possível afirmar que tais materiais são os mais recolhidos por serem encomendados por uma empresa de reciclagem de papel, denominada Riopel (Figura 07), principal compradora de materiais recolhidos pelos catadores da ARAL.



Figura 07: Foto de contêiner da Riopel, compradora do papel recolhido pelos catadores da ARAL
Fonte: OLIVEIRA; SILVA, 2010.

Segundo a pesquisa de Velloso (2005), antes de se organizarem em associação, os catadores não dispunham de um local para acondicionar o papel recolhido e, por isso, vendiam para o ferro-velho da cidade pelo preço que pediam. Não havia outra alternativa, além de catar e vender ou *cata aqui, vende ali* – como dizem os papaleiros. Também não tinham como negociar o preço do material com as indústrias contadoras. Hoje, sabem que existe uma tabela de preços nas indústrias e, assim, podem melhor negociar o fruto do seu trabalho.

Conforme os estudos da referida autora, a companhia de limpeza da cidade compra semanalmente o papel coletado pelos catadores e vende para as empresas de reciclagem. O pagamento é recebido de acordo com a produção de cada um, que é pesada e registrada em papeleta – eles recebem 75% do valor do material coletado e os 25% restante vão para a associação. Com esse valor depositado, a associação paga o décimo terceiro salário e outros benefícios (cesta básica e carrinhos para a coleta do lixo) para seus associados.

Uma situação semelhante a relatada pela pesquisa de Velloso (2005) é vivenciada pelos trabalhadores da ARAL, a diferença é que no caso da referida associação quem compra o papel e papelão coletado pelos catadores não é a companhia de limpeza de Ananindeua e, sim, a empresa de reciclagem de papel Riopel.

Na posição de segundo material mais recolhido pelos sujeitos desta pesquisa está o plástico (Figura 08), que é recolhido por 11 catadores.



Figura 08 – Foto do plástico recolhido pelos catadores da ARAL
Fonte: Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL), 2010.

De acordo com a pesquisa de Porto et al (2004), os catadores apontaram o plástico – garrafas de refrigerante – como o material reciclável que mais recolhem (50,4%), seguido do metal (21,1%), e papel e papelão (16,0%). Esses percentuais se modificam quando a pergunta é sobre o tipo de material que proporciona a maior fonte de renda, com o metal (34,4%), se aproximando do plástico (38,9%).

Ao estabelecer uma comparação entre a pesquisa do referido autor e a que foi desenvolvida na ARAL, verifica-se que apresentam resultados bem distintos. Na ARAL o papel e o papelão são os materiais mais recolhidos, enquanto que na pesquisa de Porto et al (2004), estes dois materiais ocupam a terceira posição, com 16,0%. No que se refere ao plástico, na pesquisa do referido autor este material é o mais recolhido com 50,4%, enquanto

que na ARAL o plástico ocupa a segunda posição. Tais diferenças nos resultados podem ser justificadas pelo contexto de cada pesquisa, a ARAL está situada em Ananindeua, Região Metropolitana de Belém, Estado do Pará, Região Norte. Enquanto que a pesquisa de Porto et al (2004) foi realizada em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Região Sudeste do Brasil. Sendo assim, é possível afirmar que em cada região do país o consumo de materiais varia conforme a cultura e os hábitos da população local.

Em terceiro lugar estão o ferro e o alumínio, pois cada um desses materiais é recolhido por 06 catadores da ARAL.

De acordo com Medeiros e Macêdo (2006), alguns catadores que participaram de sua pesquisa apontam para a dificuldade em encontrar a lata de alumínio. O desaparecimento deste material, especialmente dos lixos urbanos, se deu em decorrência de seu alto valor no mercado de reciclados, o que tornou esse material altamente disputado, inclusive por pessoas que não sobrevivem da catação. Situação semelhante a esta é vivenciada pelos catadores da ARAL.

Segundo as referidas autoras, o Brasil destaca-se, atualmente, entre os países que mais reciclam latas de alumínio. A reciclagem desse material, do ponto de vista da inclusão profissional dos catadores, é contraditória. Isso porque, se por um lado ocorrem ganhos ambientais com o aproveitamento de um grande número de latas de alumínio no processo de reciclagem, por outro lado, está sendo conseguida com uma participação cada vez menor dos catadores, pois é crescente o número de pessoas que não vivem da catação e que estão selecionando esse item para a venda. Sem essa matéria-prima, muitos catadores estão vendo sua renda diminuir ainda mais. Neste sentido, os catadores conseguem entrar no mercado numa época em que a reciclagem estava sendo valorizada preponderantemente por questões ambientais, mas, à medida que essa atividade se mostrou lucrativa, foram gradativamente sendo expulsos.

E em quarto e último lugar, como o material menos recolhido pelos trabalhadores da ARAL está o vidro, que é recolhido por 05 catadores da ARAL, o que pode ser justificado pelo fato de que o vidro é um material que vem perdendo espaço no mercado para o plástico devido ser mais passível de ser danificado pelo próprio consumidor, o que reduz sua utilidade na reciclagem e também dificulta o seu próprio recolhimento: um vidro quebrado ou mesmo rachado pode causar cortes e ferimentos ao catador, haja vista que os catadores da ARAL trabalham sem equipamento de proteção individual: máscara, uniforme, luva e bota.

Segundo Borges e Kemp (2008), a questão da segurança e saúde dos catadores ainda é precária. O empreendimento situa-se num misto entre o formal e o informal, já que a

associação está formalmente legalizada, mas nem todos os catadores conseguem arcar individualmente com o registro na previdência social. Não há qualquer fiscalização externa no que diz respeito ao uso de equipamentos de segurança, e os trabalhadores têm pouco acesso a um sistema de saúde de qualidade. Nesse momento, a preocupação principal dos catadores é a sobrevivência de si mesmos e de suas famílias. Essa realidade, no entanto, não impede que os catadores coloquem em pauta os riscos iminentes da atividade que realizam, já que estão em contato com o lixo contaminado e objetos perfuro-cortantes, além de trabalharem com máquinas que exigem o uso de equipamentos de proteção e a atenção redobrada na sua operacionalização.

Conforme Medeiros e Macedo (2006), não há como ignorar que as condições em que os catadores desenvolvem seu trabalho são extremamente precárias. Isso porque são inúmeros riscos à saúde existentes na atividade de catação de lixo, os catadores são desprovidos de garantias trabalhistas que os amparam, principalmente em condições de acidentes do trabalho, doenças, aposentadoria, décimo terceiro e seguro desemprego. Além disso, são mal remunerados, vítimas de preconceitos e não são reconhecidos.

Corroborando com os referidos autores, Siqueira e Moraes (2008) afirmam que é comum a criação de uma situação em que pessoas pobres convivem da pior maneira possível com resíduos que podem até fornecer um precário sustento, mas que certamente trarão doenças agravará as condições de vida e da população e contribuirão pra contaminar o ambiente. Como o lixo é considerado um achado valioso pela população carente, os catadores constituem-se em uma comunidade de risco, não apenas para sua própria integridade física e de saúde, como também são submetidos a uma condição de marginalidade social e econômica, que muitas vezes se confunde com o próprio conceito de lixo.

4.1.5 Comercialização dos Materiais Recicláveis

A comercialização dos materiais recicláveis pelos trabalhadores da ARAL é feita no próprio bairro onde está situada a referida associação? É o que mostra a tabela a seguir:

Tabela 05. Local de venda do material coletado pelos trabalhadores da ARAL

| Venda no próprio bairro? | Quantidade |
|---------------------------------|-------------------|
| Sim | 2 |
| Não | 8 |
| Total | 10 |

A tabela acima mostra que 08 catadores, ou seja, a maioria absoluta dos sujeitos desta pesquisa, não vende o material coletado no próprio bairro em que a associação está situada, no caso, Águas Lindas, em Ananindeua. Apenas 02 catadores fazem isto.

Este fato se justifica porque no próprio bairro de Águas Lindas não há ponto comercial suficiente para comprar toda a demanda de material recolhido pelos catadores da ARAL, obrigando estes a se deslocarem para outros bairros e até para outros municípios vizinhos, como Belém, para poder vender o material recolhido.

Outra justificativa é a busca de um melhor preço para comercialização do material reciclável, haja vista que se este é vendido em um local que tem mais pontos de compra, ele pode ser comercializado por um preço melhor.

Quadro 2. Preço do material comercializado no mês de novembro/2009

| MATERIAL | PREÇO DE MERCADO (Kg/R\$) |
|---|--------------------------------------|
| Alumínio | |
| Latinha | R\$1,00 |
| Panela | R\$1,80 |
| Duro | R\$2,00 |
| Plástico | |
| PP água mineral | R\$0,80 |
| Duro (balde e bacia) | R\$0,10 |
| Filme transparente | R\$0,30 |
| Filme colorido | R\$0,20 |
| Filme preto | R\$0,10 |
| Filme baladeira | R\$0,30 |
| PET branco | R\$0,30 |
| PET verde | R\$0,20 |
| Vasilhame para água sanitária branca (QBOA) | R\$0,50 |
| Vasilhame para água sanitária colorida (QBOA) | R\$0,30 |
| Sucatas | |
| Ferro | R\$0,30 |
| Metal (outros) | R\$4,00 |
| Cobre | R\$8,00 |
| Papel | |
| Branco | R\$0,14 |
| Misto | R\$0,10 |
| Papelão | R\$0,08 |
| Jornal | R\$0,05 |

Fonte: OLIVEIRA; SILVA (2010)

Como ocorre o processo de comercialização do material reciclável coletado pelos catadores da ARAL?

O material já pesado é armazenado em montes por tipo de material, que serão vendidos quando houver demanda para encher o contêiner da empresa que compra esses materiais. O preço do material é baseado em uma tabela, que no geral é dividida entre quatro tipos de materiais que são: alumínio, papel, sucatas e plástico. Esses materiais ainda recebem uma nova divisão, como exemplo podemos citar o alumínio que é dividido em latinha, panela e alumínio duro, como mostra o Quadro 2, os preços desses materiais sofrem variações conforme o período sazonal, ou seja em período chuvoso há uma redução no preço dos materiais devido os mesmos ficarem mais pesados.

A maior parte desses materiais é comercializada para uma única empresa conveniada.

Segundo Porto et al (2004), a questão da comercialização dos materiais recolhidos pode ser resolvida por meio do envolvimento dos catadores com diferentes parceiros,

considerando sobretudo que a problemática do lixo deve ser vista de forma integrada em suas múltiplas dimensões e não se esquecendo que existe uma cadeia produtiva em movimento e nela o catador tem um papel a desempenhar. Papel que ainda é desvalorizado pela sociedade, aproveitando-se disso os próprios agentes do circuito econômico da reciclagem – comerciantes e atravessadores de sucata, além das próprias indústrias – para aprofundar as formas de exploração dos catadores em condições extremamente precárias e informais de remuneração.

De acordo com Medeiros e Macedo (2006), uma cooperativa de catadores pode desenvolver diferentes ações, visando enfrentar fatores que interferem no processo de negociação de material reciclável, possibilitando competitividade através do aumento da oferta de material reciclável num volume maior que garante a negociação de preços.

As autoras também destacam as seguintes vantagens da cooperativa: evitar depender de um único comprador, vender cargas “fechadas” por um preço médio; estocar - os materiais podem ser armazenados por períodos mais longos, se o galpão da triagem dispuser de espaço e houver capital de giro.

Ainda, conforme Medeiros e Macêdo (2006), o objetivo central de uma cooperativa de catadores de material reciclável é gerar oportunidades de trabalho e renda. Das vantagens econômicas advindas da organização em cooperativas de trabalho, há o fato de os catadores conseguirem um valor mais alto para o produto, pois ofertam produtos em melhores condições de limpeza e classificação e barateiam o transporte, prensando as cargas.

As autoras chamam atenção para os indicativos de quantidade, qualidade e regularidade no fornecimento de matérias-primas, como requisitos essenciais da produção industrial. Neste sentido, os estudos apontam para organização do trabalho dos catadores em cooperativas como elemento fundamental para se obter melhores condições para a venda direta e, conseqüentemente, a obtenção de melhores preços.

4.1.6 Renda

A renda dos trabalhadores da ARAL é o tema da tabela a seguir.

Tabela 06. Renda dos trabalhadores da ARAL

| Renda | Valores |
|--------------|----------------|
| Média | 235,8 |
| Mínimo | 150,0 |
| Máximo | 300,0 |

A Tabela 8 mostra que a menor renda dos trabalhadores da ARAL é de R\$ 150,00; a renda média é de R\$ 235,80 e a maior é de R\$ 300,00. Como foi visto na categoria 4.1.3, o nível de escolaridade dos catadores é muito baixo, a maioria tem apenas o ensino fundamental incompleto. E, por desempenharem uma função que não exige um maior nível de escolaridade, ao mesmo tempo, esta não garante também uma boa remuneração.

Segundo a pesquisa de Medeiros e Macedo (2006), a escolaridade é um fator que direciona para a exclusão do mercado formal de trabalho. Conforme as autoras, os catadores desconhecem completamente os aspectos que envolvem a logística do próprio processo de reciclagem, desconhecimento muitas vezes atribuído ao baixo nível de escolaridade. Elas afirmam que esse pouco conhecimento do circuito da reciclagem é um forte impedimento para que catadores obtenham ganhos melhores nessa atividade.

Neste sentido, a maior remuneração dos catadores da ARAL, apesar de organizados em uma associação, é de R\$ 300,00, valor que ainda fica muito abaixo do salário mínimo, que atualmente é de R\$ 510,00. Nota-se que R\$ 300,00 é um valor que não garante uma qualidade de vida mínima para os catadores e seus familiares.

De acordo com a pesquisa de Porto et al (2004), em termos de rendimentos mensais informados pelos catadores, encontra-se uma variação de R\$ 100,00 a R\$ 1.300,0, embora a média mensal tenha sido de R\$ 363,00, e a maioria das pessoas ganhem até R\$ 300,00.

Segundo Porto et al (2004), os catadores que participaram de sua pesquisa disseram que sua vida piorou, referindo-se a um emprego perdido e à necessidade do ingresso no lixo, há problemas de saúde que apareceram, a casa cuja construção não conseguiram concluir, ao dinheiro que recebem e nunca é suficiente para suprir suas necessidades, levando-os a afirmar: *“trabalho muito, mas nada dá certo”*.

Se estabelecermos uma comparação entre as duas pesquisas, percebe-se que há resultados bastante diferentes entre elas: primeiro, no Rio de Janeiro a variação de renda é maior, pois está na faixa entre R\$ 100,00 a R\$ 1.300,00; enquanto que na ARAL a variação é bem menor: está entre R\$ 150,00 a R\$ 300,00. A renda média mensal também é maior no Rio de Janeiro: é de R\$ 363,00 contra R\$ 235,80 da ARAL.

Esta diferença salarial pode ser justificada pelo fato de que o Rio de Janeiro está situado na região sudeste, que apresenta uma organização estruturada em relação à associação de catadores, contando com o apoio do poder público local, o que se reflete na renda destes trabalhadores. Situação diferente ocorre com a ARAL, que está situada na região norte, onde a associação de catadores ainda não alcançou este nível de estruturação da região sudeste, pois não conta, por exemplo, com o apoio do poder público local.

Na Tabela 9 é apresentada a renda de uma das frentes de produção, composta por seis pessoas que teve por base o mês de novembro.

Nesse mês houve venda apenas na 1^a, 3^a e 4^a semanas, pois na 2^a não houve demanda de material. Essa frente produziu o equivalente a 12.102,00 Kg de material reciclável e recebeu por semana em média R\$ 128,00 por catador e por mês o equivalente a R\$ 489,5 líquido, já retirando o percentual de 5% para a associação e outras despesas, como o custo com alimentação do animal.

Quadro 3. Quantidade de materiais vendidos no mês de novembro/2009

| NOVEMBRO 2009 | | | | |
|-------------------------------|-------------|----------------------|-----------------------|--------------------|
| MATERIAL | DATA | PESO (Kg R\$) | PREÇO (Kg R\$) | TOTAL (R\$) |
| Papel branco | 1 semana | 168 | 0,14 | 23,52 |
| Papel misto | 1 semana | 163 | 0,10 | 16,30 |
| Pet branca | 1 semana | 1116 | 0,30 | 334,80 |
| Pet verde | 1 semana | 341 | 0,20 | 68,20 |
| Ferro | 1 semana | 1035 | 0,30 | 310,50 |
| Filme colorido | 1 semana | 692 | 0,20 | 138,40 |
| Qboa branca | 1 semana | 224 | 0,50 | 112,00 |
| Qboa colorida | 1 semana | 398 | 0,30 | 119,40 |
| Pp agua mineral | 1 semana | 466 | 0,80 | 372,80 |
| Plástico duro (balde e bacia) | 1 semana | 99 | 0,10 | 9,90 |
| Cadeira | 1 semana | 500 | 0,40 | 200,00 |
| Por semana | | 5.202 | | 1.705,82 |
| Papel branco | 3 semana | 1245 | 0,14 | 174,3 |
| Papel misto | 3 semana | 143 | 0,10 | 14,30 |
| Pet branca | 3 semana | 158 | 0,30 | 47,40 |
| Pet verde | 3 semana | 184 | 0,20 | 36,80 |
| Ferro | 3 semana | 1825,2 | 0,30 | 547,56 |
| Filme colorido | 3 semana | 189 | 0,20 | 37,80 |
| Qboa branca | 3 semana | 38 | 0,50 | 19,00 |
| Qboa colorida | 3 semana | 93 | 0,30 | 27,90 |
| Pp agua mineral | 3 semana | 32 | 0,80 | 25,60 |
| Plástico duro (balde e bacia) | 3 semana | 825 | 0,10 | 82,50 |
| Filme baladeira | 3 semana | 275 | 0,30 | 82,50 |
| Filme preto | 3 semana | 239 | 0,10 | 23,90 |
| Por semana | | 5.246,2 | | 1.119,56 |
| Papel branco | 4 semana | 184 | 0,14 | 25,76 |
| Pet branca | 4 semana | 109 | 0,30 | 32,70 |
| Pet verde | 4 semana | 64 | 0,20 | 12,80 |
| Ferro | 4 semana | 929 | 0,30 | 278,70 |
| Filme colorido | 4 semana | 192 | 0,20 | 38,40 |
| Qboa colorida | 4 semana | 38 | 0,30 | 11,40 |
| Plástico duro (balde e bacia) | 4 semana | 138 | 0,10 | 13,80 |
| POR SEMANA | | 1654 | | 413,56 |
| POR MÊS | | 12.102,2 | | 3.238,94 |

Fonte: OLIVEIRA; SILVA (2010)

Segundo Siqueira e Moraes (2008), em face ao alto índice de desemprego, a estratégia de sobrevivência encontrada pela população de excluídos é “coletar lixo” como forma de obter a renda para o próprio sustento. Ao catar e separar o material reciclável, seja em lixões, em ditos “aterros sanitários” ou ainda em usinas de reciclagem por todo o país, o catador constitui atualmente o importante elo do sistema de reciclagem. Infelizmente, as iniciativas brasileiras de coleta seletiva ainda são poucas.

4.1.6 a) Chefe de Família

Quem ocupa a posição de chefe de família dos trabalhadores da ARAL? É o que apresenta a tabela 10.

Tabela 07. Chefe de família dos trabalhadores da ARAL

| Chefe de família | Quantidade |
|-------------------------|-------------------|
| O próprio | 6 |
| Pai | 1 |
| Esposo (a) | 2 |
| Mãe | 2 |
| Avó | 1 |
| Total | 12 |

A tabela acima mostra que em 06 das famílias o próprio trabalhador da ARAL assume a posição de chefe. A partir desses dados é possível afirmar que, apesar de sua baixa renda, abordada na categoria anterior, o trabalhador da ARAL ainda consegue sobreviver e ocupar a posição de chefe de família, pois mesmo que outros familiares exerçam trabalho remunerado, este funciona apenas como uma renda complementar, sendo inferior a proporcionada pelo trabalho do catador.

Segundo Medeiros e Macedo (2006), a situação de desemprego aparece como elemento fundamental para o direcionamento à atividade de catação, tendo em vista que essa se constrói em uma atividade alternativa para a obtenção de renda que garante a sobrevivência do catador e de sua família.

Corroborando com os referidos autores, Dall’Agnol e Fernandes (2007) consideram que a pobreza em que vivem os catadores de material reciclável faz com que o objetivo primordial seja garantir sua sobrevivência e de suas famílias, ignorando possíveis riscos do ambiente que são apreendidos como “parte” do trabalho e não como consequência desse. Ao diluir a capacidade de indignação, culminam em abafar e, por vezes, ignorar os próprios sentimentos que, dessa forma, são incorporados e vão tecendo a banalização da injustiça social. Essa ciranda de problemas sociais, que nada mais é que a subtração de oportunidades que esses sujeitos tiveram que enfrentar, ao longo da vida, possui seu eixo central no aspecto econômico, comprometendo direta e significativamente a saúde dos trabalhadores.

Conforme Porto et al (2004), e segundo a percepção de 48,5% dos catadores, sua vida melhorou nos últimos cinco anos, enquanto que 34,1% não observam alterações, e apenas

17,3% queixaram-se de terem piorado. Quem reconheceu alguma melhoria se referiu, em geral, à possibilidade de continuar trabalhando e com isso poder manter a família, além de consertar ou adquirir “*umas coisas*” para sua casa. Eles se lembram também que alguns filhos estão estudando, e outros conseguiram um emprego, e isso foi bastante valorizado.

O esposo ou esposa e a mãe desses trabalhadores ocupam juntos o segundo lugar, sendo chefes de 02 famílias cada um.

E, em terceiro, aparece o pai e a avó dos sujeitos desta pesquisa, como chefe de 01 família cada um.

4.1.6 b) Pessoas da Família que exercem Trabalho Remunerado Complementar

Há pessoas da família dos trabalhadores da ARAL que exercem trabalho remunerado? É o que será mostrado na tabela a seguir.

Tabela 08 - Número de pessoas da família dos trabalhadores da ARAL que exercem trabalho remunerado complementar

| Número de pessoas com trabalho remunerado | Valores |
|--|----------------|
| Média | 2,1 |
| Mínimo | 1 |
| Máximo | 5 |

A Tabela 11 mostra que, dentre os componentes da família dos trabalhadores da ARAL, o máximo que exerce trabalho remunerado é de 5 pessoas e o mínimo é de 1, sendo que a média é de 2,1.

É possível afirmar que a baixa renda dos trabalhadores da ARAL, em média R\$ 300,00, justifica a média de familiares (2,1) que exercem atividade remunerada. Ainda que consigam se manter como chefe de família, os catadores da ARAL ainda ganham pouco e, dificilmente, conseguiriam sustentar sozinhos suas famílias. Sendo assim, necessitam de ajuda de familiares que exercem trabalho remunerado para complementar a renda da família.

4.1.7 Situação de Moradia

A situação de moradia dos trabalhadores da ARAL é o tema da tabela a seguir.

Tabela 09. Situação de moradia dos trabalhadores da ARAL

| Casa Própria | Quantidade |
|---------------------|-------------------|
| Sim | 8 |
| Não | 4 |
| Total | 12 |

Segundo a Tabela 12, dentre os sujeitos desta pesquisa, 08 possuem casa própria, enquanto que 04 não possuem. Apesar de sua baixa renda, a grande maioria dos trabalhadores da ARAL possui casa própria, mas isto não significa que eles vivenciem uma situação de moradia ideal.



Figura 09: Fotos das moradias dos trabalhadores da ARAL
Fonte: Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL), 2010.

Situadas no entorno da ARAL, as moradias dos catadores (Figura 09) são localizadas no bairro de Águas Lindas que, assim como praticamente todo o Município de Ananindeua, é

oriundo de ocupações, isto é, são moradores de fato, mas não de direito, pois não possuem escritura ou documento que comprove a posse de suas moradias.

Outra justificativa se deve ao fato de que a baixa renda dos trabalhadores da ARAL não proporciona poder aquisitivo suficiente para que o catador possa pagar o aluguel de um imóvel. Certamente, os outros 04 que não possuem casa própria devem morar como agregados em casa de parentes ou amigos.

Segundo a pesquisa de Porto et al (2004) realizada no Aterro de Jardim Gramacho no Rio de Janeiro, é possível verificar que o principal local de moradia dos entrevistados é o próprio município de Duque de Caxias. São casas próprias em sua maioria (79,0%), entendendo-se como próprias aquelas residências em que o dono é o entrevistado ou algum membro de sua família de origem (em geral os pais). Há também 9,1% que moram em áreas de posse/invasão, e outros 9,1%, em casas onde pagam um aluguel.

Ao estabelecer uma comparação com a pesquisa apresentada acima, verifica-se que apresentam resultados um pouco diferentes. No Rio de Janeiro, 79,0% dos catadores possuem casa própria contra 66,7% da ARAL. No que se refere aos que não possuem casa própria, o quadro se inverte: na ARAL 33,3% moram de aluguel ou de favor na casa de parentes, enquanto que no Rio de Janeiro apenas 18,2% moram em áreas de invasão ou pagam aluguel.

Conforme Porto et al (2004), 91,3% dos catadores que participaram de sua pesquisa dizem que, apesar das dificuldades que tem enfrentado, ainda tem sonhos. Ter uma casa melhor foi o que recebeu o maior destaque entendendo-se que “melhor” inclui não só o material utilizado em sua construção, mas também sua localização e condições para equipá-la adequadamente. Outros sonhos também apareceram, como a possibilidade de sair do aterro, de conseguir um emprego “*com carteira assinada*”, ou mesmo melhorar a vida para poder ajudar mais pessoas da família.

Segundo Velloso (2005), a maioria dos catadores faz parte da população de rua. Eles viviam em condições de miséria no local onde atualmente funciona a sede da associação, que vem fortalecendo, perante a população a imagem deles como trabalhadores.

5 CONCLUSÃO

O perfil socioeconômico dos catadores de material reciclável da Associação de Recicladores das Águas Lindas é caracterizado por um profissional que:

- trabalha de manhã e à tarde;
- tem um baixo nível de escolaridade;
- recolhe em sua maioria papelão e papel;
- comercializa a maior parte desse material recolhido fora do bairro em que está situada a ARAL;
- possui renda média baixa (R\$ 235,80);
- apesar disso, ainda consegue ser o chefe de família;
- em média há mais de duas pessoas em sua família que exercem trabalho remunerado para complementar a renda familiar;
- e a maioria possui casa própria, sendo proprietários de fato, mas não de direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. F. **Do lixo à cidadania**. Estratégias para ação. Brasília: Caixa, 2001.
- BARBOSA, R. N. C. Economia solidária: estratégias de governo no contexto da desregulamentação social do trabalho. In: SILVA, M. O. S; YAZBEK, M. C.(Org). **Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Cortez; São Luís, MA: FAPEMA, 2008.
- BARROS, V. A.; PINTO, J. B. M. Reciclagem: trabalho e cidadania. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.) **Catadores na cena urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BERTHIER, H. C. Garbage, work and society. **Resources, Conservation and Recycling**, n.39, p.193-210, 2003.
- BESEN, G. R; JACOBI, Pedro (Org). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil**: inovação com inclusão social. São Paulo: Annablume, 2006
- BORGES, J. O.; KEMP, V. H. A clínica da atividade como alternativa à saúde e à segurança no trabalho informal. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.) **Catadores na cena urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BORGES, M. E. **Gerenciamento da limpeza urbana**, 27-28 de abr. de 2005. 104 f. Notas de Aula. Apostilado
- BURSZTYN, M. **No meio da Rua**: nômades, excluídos e viradores (org). Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2000.
- CALDERONI, S. **Os Bilhões Perdidos no Lixo**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 1a ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.
- COLEMAN, J. **Foundations of Social Theory**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1990 [trad. it., Fondamenti di teoria sociale, Bologna: Il Mulino, 2005.

CRIVELLARI, H. M. T. *et al.* Informação e trabalho: uma leitura sobre os catadores de material reciclável a partir das bases públicas de dados. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.) **Catadores na cena urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DALL'AGNOL, C. M.; FERNANDES, F. S. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências de trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. In: Rev. Latino-am Enfermagem. 15 (número especial). Setembro – outubro, 2007.

D'ALMEIDA, M.L.O; VILHENA, A. **Lixo Municipal**: Manual de Gerenciamento Integrado. Ed.2 São Paulo: IPT/CEMPRE, 2000. 370p.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora da FGV, 1999.

DIAS, S. M. Coleta seletiva e a inserção cidadã: a parceria poder público/ASMARE em Belo Horizonte. In: JACOBI, P. (org). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil**: inovação com inclusão social. São Paulo: Annablume, 2006.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social**: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EIGENHEER, E. M. (Org.) **Coleta seletiva de lixo**. Rio de Janeiro: Iser, 2005

_____. **Lixo, vanitas e morte**: considerações de um observador de resíduos. Niterói: UFF, 2003.

FISCHER, NB. Educação popular em tempos de mulheres papeleiras. A fala dos excluídos. **Cadernos Cedes**, São Paulo: 1996.

FREITAS, M. V. O.; NEVES, Magda de Almeida. Cidade e trabalho: as experiências dos catadores de papel em Belo Horizonte. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.) **Catadores na cena urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONÇALVES, P. **A Reciclagem Integradora dos Aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos**. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2003.

GOVERNO FEDERAL. Decreto Federal 5.940. Brasília, DF: 25 de outubro de 2006.

GRIMBERG, E. **Coleta seletiva com inclusão social: Fórum Lixo e Cidadania na Cidade de São Paulo. Experiências e desafios.** São Paulo: Instituto Polis, 2007.

GRIMBERG, E.; BLAUTH, P. **Coleta seletiva: reciclando materiais, reciclando valores.** São Paulo: Instituto Polis, 1998.

Instituto de Pesquisa Tecnológica – IPT. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis: guia para implantação.** São Paulo: SEBRAE, 2003.

JACOBI, P.; VIVEIROS, M. Da vanguarda à apatia, com muitas suspeitas no meio do caminho: gestão de resíduos sólidos domiciliares em São Paulo entre 1989 e 2004. In: _____(Org.) **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil: inovação com inclusão social.** São Paulo: Annablume, 2006.

LEAL, A.C. (et al). **A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem.** *Revista Terra Livre*, São Paulo, 18(19), 177-190, jul/dez. 2002.

LEGASPE, R. L. **Reciclagem: a fantasia do ecocapitalismo.** Um estudo sobre a reciclagem promovida no centro da cidade de São Paulo. São Paulo: 1996.

LIRA, I. C. D. Trabalho informal como alternativa ao desemprego: desmistificando a informalidade. In: SILVA, M. O. S.; YAZBEK, M. C. (Org). **Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo.** 2. ed. São Paulo: Cortez; São Luís, MA: FAPEMA, 2008.

MAGERA, M. C. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das Cooperativas de reciclagem de lixo.** Campinas SP: Ed. Átomo, 2003.

MARINHO, M.C.N. **As transformações no mundo do trabalho e suas implicações na formação do executivo.** Universidade Católica de Goiás, Dissertação de Mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia. Goiânia, GO, 2005.

MARTINS, C. H. B. Trabalhadores na reciclagem e na gestão de resíduos sólidos na região metropolitana de Porto Alegre: dinâmicas econômicas, sócio-ambientais e políticas. In: JACOBI, P. (Org.). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil: inovação com inclusão social.** São Paulo: Annablume, 2006.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. **Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?** In: *Psicologia & Sociedade*: 18(2): 62-71; mai/ago. 2006.

MIURA, P. C. O. **Tornar-se catador: uma análise psicossocial.** Dissertação de mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP: 2004.

MORAIS, E. C. **Gerenciamento integrado de resíduos sólidos urbanos: uma proposta de aprimoramento do processo de triagem e o aproveitamento econômico dos resíduos recicláveis, com inclusão social.** Universidade de Taubaté. Taubaté, SP: 2010.

OLIVEIRA, C. S.; SILVA, R. S. **Coleta seletiva, reciclagem e o papel do catador.** Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Engenharia Sanitária e Ambiental. Universidade Federal do Pará: Belém, 2010.

OLIVEIRA, M.V. **Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2001.

PORTO, M. F. S. *et al.* **Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil.** *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(06): 1503-1514, nov - dez, 2004.

RIBEIRO, A.C.M; SANTOS, V.F. **Criança no lixo, nunca mais.** Relatório social – Morro do céu. *Jornal do Meio Ambiente*. Niterói, jul. 2000.

SANTOS, B.S. RODRIGUEZ, C. Para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, B.S. (Org). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2002. p. 23-77.

SINGER, P.A. Guisa de introdução: urbanização e classes sociais. In: _____ (Org). **Economia política da urbanização.** São Paulo: Brasiliense; 1998.

SILVA, M. G. **Questão ambiental e desenvolvimento sustentável: um desafio ético-político ao Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, M. L. L. A condição do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil – 1995 a 2005. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.) **Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. **Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo**. Disponível em: <http://www.scielo.org>. Acesso em: 30. jul. 2010.

SOUTO, J. S.O. Mutações no Mundo do trabalho: o (triste) espetáculo da informalização. **Revista Democracia Viva**. 8-12. 2004.

VELLOSO, M. P. **Os catadores de lixo e o processo de emancipação social**. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (sup): 49-61, 2005.

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PPG-CA

Estrada Municipal Dr. José Luiz Cembranelli, 5000 - Bairro Itaim - 12081-010 - Taubaté - SP - Brasil
Campus de Ciências Agrárias - Fone: 12-3625-4212 - FAX: 12-3631-8004
e-mail: ambiente@prppg.unitau.br - Home Page: <http://www.unitau.br/prppg> - www.agro.unitau.br/ppgca
CNPJ – 45.176.153/0001-22

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO: O PERFIL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL DAS ÁGUAS LINDAS – ANANINDEUA – PARÁ

Pesquisador Responsável: **SIDNÉIA DO SOCORRO MARQUES BARRA**

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar):

(091) 32346081 – 91406358 – 82193838

Pesquisadores participantes:

Telefones para contato:

◆ Nome e assinatura do pesquisador: _____

O projeto objetiva analisar as condições de trabalho dos catadores de matérias recicláveis de uma associação situada na área metropolitana da grande Belém, Pará, Brasil. A pesquisa não terá riscos, prejuízos, lesões ou desconforto para os entrevistados, pois as informações coletadas serão sigilosas e com objetivo de apenas analisar as atividades destes catadores dentro da associação.

Os benefícios poderão vir a longo prazo, pois a divulgação dos resultados da pesquisa poderá confirmar se de fato ocorrem as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis são caracterizadas pelas atividades dentro da ARAL, conseqüentemente, na melhoria da sua qualidade de vida. O período da pesquisa será em abril e maio de 2010, pretende-se entrevistar 25 pessoas maiores de 18 anos, entre as quais: homens e mulheres que trabalham na associação.

Fica garantido ao entrevistado o sigilo da entrevista e o direito de retirar o consentimento a qualquer momento da pesquisa

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

EU, _____, RG _____,

ABAIXO ASSINADO, CONCORDO EM PARTICIPAR DO ESTUDO “CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: UM ESTUDO DE CASO NA ÁREA METROPOLITANA DE BELÉM”, COMO SUJEITO. FUI DEVIDAMENTE INFORMADO E ESCLARECIDO PELA PESQUISADORA **SIDNÉIA DO SOCORRO MAQUES BARRA** SOBRE A PESQUISA, OS PROCEDIMENTOS NELA ENVOLVIDOS, ASSIM COMO OS POSSÍVEIS RISCOS E BENEFÍCIOS DECORRENTES DE MINHA PARTICIPAÇÃO. FOI-ME GARANTIDO QUE POSSO RETIRAR MEU CONSENTIMENTO A QUALQUER MOMENTO, SEM QUE ISTO LEVE À QUALQUER PENALIDADE OU INTERRUÇÃO DE MEU ACOMPANHAMENTO/ASSISTÊNCIA/TRATAMENTO.

Local e data _____/_____/_____/_____/**Nome:** _____**Assinatura do sujeito ou responsável:** _____

APÊNDICE B**Questionário aplicado para os trabalhadores da Associação de Recicladores das Águas Lindas (ARAL)**

Data do preenchimento: _____/_____/_____

Bairro onde reside: _____

Dados gerais e de identificação

1 - Associação: _____

2 - Data de formação da Associação: _____

3 - Tempo de trabalho na Associação: _____

4 - Cargo na associação: _____

5- Há quanto tempo no cargo? _____

6- Escolaridade: _____

7- Endereço: _____

8 - Telefone de contato: _____

9 - Quantas pessoas trabalham no galpão atualmente? _____

10- Quantos homens e mulheres? _____

11- Turnos e dias de trabalho no galpão? _____

12 - Que tipo de tarefa é executado com mais frequência no galpão? _____

13 - O trabalho é predominantemente individual ou em equipe?

14 - Dividem as tarefas entre homens e mulheres? () sim () não De que forma?

15 - Que tipos de máquinas e equipamentos utilizam?

16 - E quais são as técnicas de separação/beneficiamento dos resíduos?

17 - Quem são os principais compradores dos seus produtos? (e que produtos)?

18 - E que produtos?

19 - Qual o volume médio de resíduos que entra no galpão (t/dia)?

20 - Qual o tipo de material que recolhe como catador?

Plástico () sim () não

Papelão () sim () não

Papel () sim () não

Alumínio () sim () não

Ferro () sim () não

Vidro () sim () não

21- Você só “cata” o que vende? () sim () não

22 - O que faz com o que não vende? _____

23 - E quais são as técnicas de separação/beneficiamento dos resíduos?

24 - Quem são os principais compradores dos seus produtos (e que produtos)?

25 - Qual o volume médio de resíduos que entra no galpão (t/dia)?

26 - Qual o faturamento médio mensal da Associação?

27 - A venda é no próprio bairro onde coleta? () sim () não

28 - Tem casa própria? () sim () não

29 - Qual a sua renda como reciclador na ARAL? _____

30 - Já teve algum outro serviço além de catador? () sim () não

31- Quem é o chefe da família?

32- Número de pessoas que compõem a família?

33- Número de pessoas com trabalho remunerado?



UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
AMBIENTAIS - PPG-CA

Estrada Municipal Dr. José Luiz Cembranelli, 5000 - Bairro Itaim - 12081-010 - Taubaté - SP - Brasil
Campus de Ciências Agrárias - Fone: 12-3625-4212 - FAX: 12-3631-8004
e-mail: ambiente@prppg.unitau.br
Home Page: <http://www.unitau.br/prppg> - www.agro.unitau.br/ppgca
CNPJ – 45.176.153/0001-22

DECLARAÇÃO Nº 032/10

Protocolo CEP/UNITAU nº 539/09 (Esse número de registro deverá ser citado pelo pesquisador nas correspondências referentes a este projeto)

Projeto de Pesquisa: O Perfil dos Catadores de Material Reciclável das Águas Lindas –
Ananindeua – Pará

Pesquisador(a) Responsável: Sidnéia do Socorro Marques Barra

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião de **13/08/2009**, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 196/96, considerou o Projeto acima **aprovado**.

Taubaté, 19 de fevereiro de 2010